PETER BOŠKO

Repensar a sociedade



O meu percurso pessoal até à ideia do Dinheiro Visível

Índice

1 Introdução....4
2 Tenho consciência de que tenho consciência — sou aquele que é....5
3 O céu sobre Klokočina....9
4 Serafína....10
5 Primeira infância....11
6 Educação religiosa....13
7 O liceu e um rumo claro para a carreira futura....13
8 O primeiro ano no liceu....15
9 O funeral da mãe do meu pai....16
10 Os primeiros projetos de programação....18
11 A Universidade de Economia....20
12 Um verão na América....24
13 Primeiro contacto com a ideia do Dinheiro Visível — a obra de Neale Donald Walsch....26
14 O trabalho na QBSW — o projeto da Tesouraria do Estado....29
15 Conversa com Hilda....30
16 Med-art — o serviço civil e a publicação do artigo....32
17 Crucificação....34
18 Praha....35
19 Férias na Índia....37
20 Irlanda....39
21 Sony e o acidente de automóvel....39
22 Regresso a Praha....40
23 Infostat e o projeto para o Eurostat....40
24 A longa viagem de regresso do Luxemburgo....42
25 O trabalho numa empresa que vendia robôs de forex....43
26 Apoio à compra de um automóvel....45
27 O trabalho para grandes empresas....46
28 Apresentação do projeto Dinheiro Visível na sua forma atual....48
29 A funcionalidade blockchain do projeto....52
30 Proteção do projeto contra qualquer utilização abusiva antes de se tornar o núcleo da sociedade....54
31 As eleições presidenciais....56
32 Ambições políticas....57
Primeiro pilar — o bom senso....57
Segundo pilar do partido político — a transparência forte....58
Terceiro pilar — a dimensão global....58
33 Fragmentos do meu blogue pessoal....60
Diebus solitudinis....60
Katka Knechtová — Spomaľ — um diálogo invulgar....60
3 desafios fundamentais da humanidade de hoje e a minha resposta....61

Como funciona o karma.....65
Reflexão sobre a necessária finitude do universo.....66
Arquitetura do sistema Dinheiro Visível (DV) — o primeiro sistema bancário transparente protegido por blockchain 1.....68

1 Introdução

O propósito deste texto é descrever o meu percurso pessoal até às ideias do projeto Dinheiro Visível. Está escrito de forma livre e acompanha o caminho da minha vida, desde alguns episódios da primeira infância até ao presente. É frequentemente entretecido de pensamentos e reflexões, também sobre o próprio sentido da vida e a natureza do ser, que raramente vi desenvolvidos por outros autores e que, a meu ver, mereceriam maior atenção. Escrevi este texto de maneira que também me agradasse a mim, pelo que talvez nem sempre seja objetivo. Foi tomando forma de modo bastante espontâneo: a princípio, deveria ter um âmbito consideravelmente mais vasto, mas acabou por se restringir. Algumas passagens que poderão parecer dispensáveis permaneceram, porém, simplesmente porque eu gostava delas. Aqui e ali, recorri à inteligência artificial para dar maior intensidade dramática e ritmo ao texto — mas o leitor provavelmente reconhecerá esses momentos com facilidade. Desejo-lhe uma leitura inspiradora, que o ajude a compreender as minhas motivações e as razões pelas quais considero que a sociedade pode e deve funcionar de maneira um pouco diferente: com maior eficiência económica, mas também melhor, de forma mais humana nas relações entre as pessoas.

2 Tenho consciência de que tenho consciência — sou aquele que é

Penso, logo existo. Três palavras simples, breves e conhecidas. No entanto, pelo seu significado, esta frase é única do ponto de vista de quem a pronuncia. Para quem a diz, tem um valor de verdade de 100 %. O que significa ter um valor de verdade de 100 %? Significa que, num universo em que vigoram operações lógicas fundamentais, como a implicação, uma afirmação desta natureza é necessariamente verdadeira em quaisquer circunstâncias.

Se quem o afirma pensa realmente, então existe. Se, pelo contrário, quem o afirma for apenas uma ilusão e não um ser real que pensa, a implicação continua a ser válida.

Mas como pode alguém verificar a premissa desta implicação, ou seja, que aquele que a enuncia pensa? Ora, a partir de fora, não pode. A premissa só pode ser verificada a 100 % a partir do interior da pessoa que a enuncia. Só quem observa o pensamento dentro de si pode saber, com uma probabilidade de 100 %, que pensa. Vive-o no seu íntimo. O ato de experienciar que ocorre na mente de um ser é a essência mais profunda da existência dos seres enquanto tal.

Ao perguntar-me se haveria outras frases com uma probabilidade de 100 % a partir do interior de quem fala — do sujeito —, ocorreu-me uma que, a meu ver, encerra o segredo da essência da vida e da realização do seu sentido. **Tenho consciência de que tenho consciência.** Parece-me que penetra muito mais fundo no âmago do ser do que a frase de Descartes. Com efeito, a frase dele começa por introduzir indiretamente a consciência e, depois, limita-se a afirmar, por implicação, aquilo que tem de ser reconhecido. Já a frase «Tenho consciência de que tenho consciência» não se afasta da perceção como tema central: coloca, de forma recursiva, a ênfase no ato de ter consciência. E, ao enunciar um processo que considero ser a essência fundamental e o sentido da vida, realiza esse sentido pelo próprio ato de o enunciar, reconhecer e declarar.

De facto, quando alguém afirma que tem consciência e que tem até consciência de ter consciência, está a dizer que é um ser vivo autêntico que, por assim dizer, acaba de exercer o seu direito à autodeterminação e declara sentir o prazer do ato de tomar consciência de si.

É como se a própria vida pronunciasse o seu nome. Como se o sujeito saboreasse algo que não pode ser dito. Presença pura. Ser puro. O maior dos mistérios. O próprio sentido da vida.

E viver esse prazer é, a meu ver, o sentido supremo da vida. Esse sentido está, aliás, parcialmente encarnado em cada prazer que um ser experimenta. Quando, por exemplo, se sacia a fome ou se satisfaz qualquer outra necessidade, o ato de tomar consciência de si está sempre implicitamente presente.

Na força dessa probabilidade de 100 % de que uma pessoa existe e tem consciência de si própria esconde-se, a meu ver, a essência do egoísmo. Todos os seres agem sempre segundo a regra do «eu primeiro». Mesmo aqueles que são considerados altruístas comportam-se, na realidade, de forma egoísta. Apenas têm uma escala de valores em que a própria sobrevivência pode ter uma prioridade inferior à de ajudar os outros ou seguir uma ideia. O princípio do egoísmo não desapareceu: está apenas disfarçado por intenções que podem contrariar a própria sobrevivência. O egoísmo tem má fama. Não é mau: é simplesmente uma lei decorrente de os seres distinguirem continuamente, de forma subconsciente, entre a certeza de 100 % da sua própria existência e a incerteza, relativamente grande em comparação, quanto à

existência dos outros. Há tempos, escrevi um artigo em que identifiquei três desafios fundamentais cuja resolução mais faria avançar a humanidade e aos quais valeria a pena dedicar a minha energia. Descobrir como obter a mesma certeza de que as outras pessoas são tão reais como eu próprio era um desses desafios. É, porém, a tarefa mais difícil das três e, por enquanto, não se vislumbra luz ao fundo do túnel quanto à forma de a resolver. Será provavelmente necessário um avanço decisivo na compreensão que a humanidade tem da consciência e dos processos de perceção.

Tendo em conta o que acabo de dizer, é possível que a investigação do universo devesse, em rigor, seguir o caminho inverso. Em vez de tomarmos como ponto de partida a existência de leis físicas no meio exterior que nos rodeia e de, com elas, procurarmos explicar como puderam surgir coisas como a consciência, deveríamos tomar a existência da consciência como a origem de tudo, da qual tudo o resto decorre. Ou seja, estudar as leis físicas exteriores tendo antes de mais presente que essas leis só se manifestam na consciência, e concentrarmo-nos mais naquilo que efetivamente observamos e na relação que isso pode ter com a nossa consciência. Em todo o caso, o que a ciência conseguiu nos últimos 200 anos é admirável e, como diz uma regra de gestão, não se muda a equipa que vai acumulando vitórias desta maneira. Por outro lado, na investigação da consciência, muito pouco — ou mesmo nada — aconteceu desde as superstições medievais.

Ao explorar este modelo de conhecimento centrado na consciência, deparamo-nos subitamente com perspetivas sobre aquilo que realmente sabemos do mundo que poderão ser chocantes para os materialistas típicos de hoje. Se a consciência é de facto o alfa e o ómega de todo o conhecimento, não será possível que uma emoção positiva dentro dela seja tão intensa que não só realize um desejo, como leve a própria consciência a alterar a natureza da realidade, incluindo algumas leis físicas? Se pegássemos, por exemplo, num bem de consumo corrente de hoje — um computador portátil —, o levássemos para o passado e o ligássemos, funcionaria? Ou será que, ao longo da evolução, à medida que as pessoas iam descobrindo as leis da natureza, essas leis se foram modificando com o tempo? Nesse caso, as leis da natureza não teriam sido descobertas, mas progressivamente deslocadas e alteradas pela consciência humana coletiva?

Uma visão da ciência e da realidade desta natureza seria, contudo, provavelmente contraproducente neste momento em que a ciência consegue, de forma quase milagrosa, fazer avançar o conhecimento pelos métodos tradicionais. Em todo o caso, penso que devemos ter presente esta explicação da realidade como alternativa ao modo de pensar habitual.

Uma alternativa centrada na perceção oferece espontaneamente, como fonte de verdade acerca de tudo o que nos rodeia e de nós próprios, não leis naturais exteriores, alegadamente independentes do observador último, mas explicações que colocam no centro do universo a consciência desse observador. Neste momento, portanto, a sua — a de quem lê estas linhas. Através da minha consciência, que realmente existe, acaba de se tornar o centro do universo.

Viver coisas más e desagradáveis também faz parte inseparável da vida. Essa experiência é necessária para podermos distinguir o bem do mal. Se uma pessoa só vivesse coisas agradáveis, ao fim de algum tempo deixaria de conseguir apreciar o seu valor positivo e tudo se confundiria numa amálgama em que já não

seria possível distinguir o que é melhor do que outra coisa. As experiências negativas são, por isso, um elemento muito importante e necessário da vivência.

O segredo de uma vida feliz e plena está em dosear as experiências positivas e negativas de tal modo que as negativas nos deem uma perspetiva adequada do que é bom e do que é mau e sejam depois seguidas de experiências positivas que as compensem e nos proporcionem uma sensação de satisfação.

Imagine que possuía a lâmpada maravilhosa de Aladino e que o génio podia satisfazer-lhe qualquer desejo. Começaria por desejar resolver aquilo que sempre o atormentara: ter mais dinheiro, melhor saúde, uma aparência mais bonita, e por aí fora. Mas, ao fim de algum tempo, cansar-se-ia disso: ter tudo sem qualquer esforço acabaria por se tornar aborrecido.

Desejaria então coisas que contivessem um elemento de surpresa, para não ter conscientemente tudo sob controlo. Com o tempo, perceberia que até um jogo infinito, cheio de reviravoltas e acontecimentos inesperados, continuava a ser uma «encenação sua». Começaria a desejar que existissem limites reais e regras que não pudesse quebrar.

Por fim, desejaria esquecer a lâmpada mágica e o poder infinito. Queria uma realidade inteiramente real, perder a consciência de ser o criador de tudo. E, nesse instante, encontrar-se-ia precisamente numa vida como aquela que vivemos agora: em que não sabemos o que virá, em que nos esforçamos, lutamos, aprendemos, sofremos e nos alegramos.

Já não desejamos possibilidades infinitas, mas uma vida que tenha «a medida certa»:

- incerteza suficiente para ser interessante,
- sofrimento suficiente para ter sentido,
- alegria suficiente para valer a pena viver.

E assim se fecha o círculo: o desejo infinito acaba no anseio por uma vida comum, real e concreta. Quereríamos a vida real, tal como ela é. Com medo e dor, mas também com alegria. Com tudo o que a torna verdadeira.

A humanidade encontra-se atualmente num ponto em que a espera um período relativamente feliz: graças à tecnologia e aos avanços da medicina, poderemos viver potencialmente para sempre e, ao mesmo tempo, brincar a ser omnipotentes nos nossos próprios mundos, que criaremos com tecnologias como a realidade virtual. No plano físico primordial, onde tudo estará em jogo — a própria vida —, a humanidade terá, assim, as regras da vida real tal como a conhecemos. A dor e o sofrimento poderão continuar a existir, mas, graças ao progresso tecnológico e à elevação dos padrões morais, esses aspetos negativos serão provavelmente reduzidos ao mínimo. A vida será tão boa e terá tanta qualidade que algo como partir para a guerra porque alguém decidiu invadir um país vizinho se tornará absolutamente impensável. Hoje, uma coisa dessas só é possível porque a qualidade de vida num país assim é tão fraca que a eventual morte no campo de batalha acaba por não ser, no fundo, um preço assim tão elevado.

Penso que, para experienciar e dosear adequadamente as coisas negativas da vida, surgirão simulações nos mundos virtuais. Será, porém, possível interrompê-las a qualquer momento e sair delas sem perder a continuidade da consciência.

As pessoas criarão os seus próprios mundos, com ideias criativas tão inovadoras e envolventes que se convidarão umas às outras a visitá-los e avaliarão as experiências aí vividas. Será uma nova forma de socialização, que surgirá depois do aperfeiçoamento da interface entre o ser humano e a máquina e da subsequente expansão da realidade virtual.

Este livro tem a ambição de ajudar a humanidade na transição para uma sociedade esclarecida, em que os problemas do mundo de hoje sejam apenas uma recordação desagradável de um passado longínquo. Pretende fazê-lo recorrendo às histórias da minha própria vida para lançar mais luz e expor a minha perspetiva sobre os vários domínios em que, a meu ver, a humanidade anda às apalpadelas, desnecessariamente e em seu prejuízo. Procurarei oferecer, sobre muitas questões, uma visão cujas premissas fundamentais se tornem claras pela ilustração de uma história de vida concreta.

Uma parte específica do livro será dedicada ao meu projeto Dinheiro Visível. O projeto procura orientar a transição da sociedade de modo que os seus incentivos económicos e morais fundamentais favoreçam uma nova ordem mundial. Uma ordem justa até à medula e profundamente moral, não só nas relações ser humano => ser humano e ser humano => natureza, mas também nas relações ser humano => Estado, e vice-versa.

Convido-o, pois, a uma viagem pela minha vida, no limiar da construção de um mundo novo. Um mundo em que as tecnologias abrirão à humanidade e a todo o planeta as portas do paraíso. Apesar de a sociedade se encontrar atualmente tão dividida e polarizada, penso que, na verdade, com um pouco de sorte, basta muito pouco para a humanidade entrar naquela que poderá ser a fase final da sua própria história exterior e realizar plenamente, de forma positiva, o seu potencial. O livro descreve uma transformação profunda da sociedade: social, económica, política, coletiva e talvez também religiosa.

Todas as histórias da minha vida têm uma base real e procurei não evitar sequer aquelas que não me mostram a uma luz favorável. Tento apresentar um retrato verdadeiro do meu mundo interior. Só omiti aquilo que não acrescenta valor à narrativa ou cuja divulgação poderia prejudicar ou magoar alguém.

3 O céu sobre Klokočina

Antes da tempestade, Klokočina recolhera-se na escuridão. As nuvens pairavam baixas, o ar pesava e, no apartamento do quinto andar, o assobio de uma criança interrompeu-se de súbito. O corpinho, em brasa por causa da varicela, cede de repente, sem aviso: os olhos reviram-se, os joelhos dobram-se e ele desaba, inerte como uma boneca de trapos.

«Ele... desmaiou», deixou escapar a mulher, mais num sussurro do que num grito.

O homem não hesitou. Agarrou no rapaz, apertou-o contra o peito e correu para o corredor. A luz do sensor acendeu-se tarde; os passos ecoavam na caixa de escadas vazia. E ele corria — não para baixo, mas para cima, como se a resposta estivesse lá no alto. Sexto, sétimo patamar. O peito ardia, a respiração saía aos arrancos.

«Jaro, para baixo!», gritou a mulher, um andar abaixo. «Para o carro, para as urgências!»

Parou no patamar mais alto. Olhou para Peťko — os olhos revirados, o corpinho sem forças. Naquele vazio, percebeu o que tinha feito. «Meu Deus...», escapou-lhe, mais num sopro do que em palavras.

E, precisamente nesse instante, alguma coisa se moveu lá fora. O céu estivera encoberto toda a tarde, mas, a oeste, abriu-se por momentos uma estreita fenda nas nuvens. O sol poente encontrou o ângulo exato: um fino raio de luz atravessou a abertura, deslizou pela janela suja do patamar e pousou nas escadas como uma faixa quente de laranja.

Durante um segundo, a mão do homem deixou de tremer. O pequeno corpo fez um movimento breve, quase impercetível. Depois, outro. A mulher parou dois degraus abaixo deles e levou a mão à boca.

«Voltou a si», disse o homem, incrédulo, quase para consigo. Com o polegar, limpou a saliva ao rapaz e passou-lhe a palma da mão pelo rosto.

O raio de luz durou apenas alguns batimentos do coração. As nuvens fecharam-se de novo, o laranja apagou-se e a escadaria regressou à penumbra cinzenta. De repente, o caminho era claro.

«Vamos», disse com firmeza.

A mulher voltou atrás para ir buscar as chaves. O homem aconchegou Peťko com mais cuidado — não como um peso, mas como uma dádiva — e, desta vez, começou a descer. Na parede ficou apenas uma ténue faixa de calor, que rapidamente se dissipava. Mas, dentro de ambos, permaneceu um instante preciso: aquele breve e silencioso momento em que as nuvens se abriram exatamente quando eles precisavam.

Esta história corresponde, em grande parte, a um episódio real da minha infância que a minha mãe me contava muitas vezes. Em pequeno, era muito adoentado e, numa ocasião, perdi de facto os sentidos. O meu pai, em vez de correr comigo escada abaixo até ao carro, seguiu instintivamente na direção oposta — o que talvez tenha acabado por influenciar positivamente o desfecho desta história.

4 Serafína

«Tenta aprendê-lo de cor», disse ela, junto ao fogão, enquanto mexia o conteúdo da panela com uma grande colher de pau. O vapor subia em direção ao teto e, com ele, o aroma da compota. «Já sei», respondi e, sem hesitar, comecei: «Pai nosso, que estais nos Céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje e perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Ámen.»

A mulher junto ao fogão era a minha avó — a avozinha, como todos lhe chamávamos. Tinha um nome que nunca mais ouvi em nenhuma outra pessoa viva: Serafína. Ao que parece, deveria ter-se chamado Alžbeta, mas a madrinha, no batismo, pronunciou inesperadamente outro nome, e esse ficou-lhe para sempre. Uma vez, ao procurar significados de nomes, deparei-me com uma explicação que lhe assentava até ao último pormenor: os serafins, seres angélicos que cantam sem cessar no céu para glória de Deus. Ela cantou para glória de Deus com toda a sua vida.

A influência dela na minha vida espiritual começou, literalmente, com a minha primeira respiração. O pároco católico recusou-se a batizar-me: o meu pai era luterano e a minha mãe católica; naquela época, os casamentos mistos não eram propriamente uma questão simples do ponto de vista religioso. A avó não costumava esperar que o mundo decidisse por ela. Encheu uma tigela com água, fez o sinal da cruz sobre mim e sussurrou as palavras que, alguns anos depois, voltaria a ouvir da boca de um padre. Eu te batizo em nome do Pai, do Filho...

Batizou-me ela própria, serena e firme, como se o tivesse feito toda a vida.

Os anos passaram. Depois da queda do regime, quando as portas das igrejas deixaram de se fechar às escondidas e a fé pôde voltar a respirar, pegou-me de novo pela mão. Tratou de que tudo quanto devia acontecer acontecesse: o batismo foi pronunciado em voz alta na igreja, seguindo-se a primeira comunhão e o crisma.

Hoje sei que o meu caminho para a fé não começou na teologia, mas no vapor que subia de uma panela e na voz de uma mulher que acreditava por inteiro. E sei que fui batizado duas vezes: uma por ela, pouco depois de nascer — quando, por um instante, se tornou sacerdote —, e outra com ela, quando se tornou minha madrinha. Entre esses dois batismos decorreu a maior parte da minha infância.

5 Primeira infância

Entre as minhas recordações mais antigas estão as aulas dos primeiros anos da escola — mais precisamente, aquele período em que já sabia ler e o mundo se alargou, de repente, a tudo o que cabe entre as duas capas de um livro. Devorava tudo o que me chegava às mãos. Primeiro, os romances de Karl May: cavalos velozes, palavras límpidas, uma honra afiada como uma faca. Deixaram-me no coração a convicção firme de que alguém deve proteger os mais fracos, e foi algures por aí que o meu sentido de justiça começou a tomar forma.

Não tardou que Jules Verne se instalasse nas minhas estantes. Ao apurarem-me a imaginação, os seus romances incutiam-me respeito pelo progresso técnico, não como um artifício que é um fim em si mesmo, mas como um instrumento que faz avançar as pessoas.

Também na escola havia frutos a colher. Nas aulas de História, ouvi pela primeira vez a história de Peter Veľký: como se empregara durante algum tempo nos estaleiros da Europa Ocidental para aprender o ofício e, depois, levara o que vira e aprendera para os estaleiros russos e, por fim, para a administração do império dos czares. A simplicidade e, ao mesmo tempo, a genialidade daquela maneira de agir fascinavam-me. Ficou-me uma conclusão clara: quem quiser governar verdadeiramente bem tem de compreender também os aspetos técnicos, essas coisas importantes em que assentam o Estado, o comércio, os ofícios e a economia no seu conjunto.

Um impulso decisivo para o meu crescimento como leitor foi a amizade com o meu colega Rasťo. Desafiávamo-nos um ao outro: quem tinha lido o quê e quem traria a próxima «presa». Rasťo tinha o dom de descobrir livros até onde ninguém os procuraria. Devorei o meu primeiro livro sobre Tarzan, o senhor dos macacos, graças a recortes de jornal cosidos uns aos outros, que o pai dele recolhera ainda em rapaz. O papel estava amarelecido, as margens desfiadas, mas a história brilhava. Faltavam algumas páginas; a imaginação teve de as escrever por si. Também isso foi um treino: aprender a preencher lacunas, em vez de me deixar deter por elas.

A mãe de Rasťo ensinava Matemática na escola vizinha. Para nós, isso significava mais do que boas notas. Quando era preciso, dava-nos explicações com paciência, preparava-nos para os exames de admissão e, sobretudo, ensinava-nos a fazer perguntas. Uma vez, fui ter com ela com a minha pequena revolta matemática.

— Porque é que a divisão por zero é uma operação inválida? — disparei. — Se dividirmos um número positivo por zero, o resultado devia ser infinito.

Sorriu, mas tinha nos olhos aquela conhecida serenidade dos professores que não apaga a curiosidade, apenas a orienta.

— Quanto é 3 : 0? — perguntou.

— Infinito — respondi sem hesitar.

— E quanto é infinito vezes 0?

— Zero — disse eu, depois de uma breve pausa.

— Estás a ver? — disse ela em voz baixa. — A prova da operação não bate certo.

Não estava a troçar de mim. Foi então que compreendi que, na matemática, como nos livros, não basta uma ideia cativante: é preciso que ela seja coerente com as regras que mantêm o mundo unido. A partir daí, passei a olhar para os «infinitos» e para as regras e os conhecimentos estabelecidos com maior humildade.

6 Educação religiosa

Depois da abertura em matéria religiosa, em 1989 — tinha eu 10 anos —, fui pela primeira vez a uma missa de verdade. Mais uma vez, fui com Rasťo, ao centro de Nitra, à igreja da rua Farská. Penso que subimos para o coro lateral esquerdo, para termos melhor vista. Durante a consagração e a comunhão, aconteceu algo estranho. Enquanto olhava lá para baixo, para o altar, vi de repente uma luz que começou a aumentar como numa explosão. Num instante, a luz engoliu-me a mim e a toda a igreja. Desmaiei e só voltei a mim quando uma senhora que estava sentada ao nosso lado me deu palmadas na cara.

Quando a minha mãe e a minha avó souberam, discutiu-se durante algum tempo se seria conveniente eu ir à missa, mas, felizmente, aquilo não voltou a acontecer nas visitas seguintes à igreja. Fiquei a pensar, com curiosidade, no que aconteceria se fosse eu próprio comungar, já que bastara assistir ao momento culminante da missa, em que, segundo a liturgia católica, o sacerdote transforma o pão e o vinho no corpo e no sangue de Cristo, para eu desmaiar.

Ao que parece, esta sensibilidade à liturgia católica corria na família, pois, alguns anos mais tarde, a minha avó contou-me que, durante a comunhão, vira sobre as hóstias uma espécie de cruzes prateadas, luminosas, a levitar. Segundo ela, o sacerdote também as devia ter visto, porque as suas reações o indicavam claramente. Em circunstâncias normais, não teria dado importância a uma história dessas, contada por uma pessoa já relativamente idosa, cujos sentidos a poderiam enganar. Mas o relato dela recordou-me o meu próprio episódio com a luz que se expandia a partir do centro da liturgia.

A minha avó tratou de que, pouco depois da queda do regime, eu começasse a frequentar a catequese de preparação para o batismo e a primeira comunhão. Ia, creio que todos os domingos, à igreja de Mlynárce, onde decorria a preparação. Fazia sempre o mesmo caminho, que passava por uma casa perto da qual crescia uma grande cerejeira. Uma vez, ao passar por ali, as cerejas estavam precisamente a amadurecer. Grandes, deliciosas, em forma de coração. Acabou por se revelar que, no futuro, eu voltaria àquela árvore muitas e muitas vezes. Ainda hoje provo os seus frutos todos os anos, entre o fim de maio e o início de junho. Como se me estivesse destinada. Por vezes, sinto que a minha vida está, em grande medida, traçada de antemão e que me cabe apenas recolher corretamente todos os indícios e cumprir o meu destino.

7 O liceu e um rumo claro para a carreira futura

Ao terminar o ensino básico, tive de escolher o caminho a seguir. Participei algumas vezes na preparação para os exames de admissão a uma turma para alunos com talento para a matemática, no liceu de Párovská. Percebi que talvez não tivesse assim tanto talento para a matemática, pois havia ali jovens da minha idade que provavelmente tinham bases melhores: vinham de uma escola especializada para crianças com aptidão matemática e respondiam ao professor com muito mais rapidez do que eu. Eu também tinha feito os exames de admissão a essa escola especializada — e até fora aceite —, mas ficava fora de mão, na outra ponta da cidade, e os meus pais concluíram que não valia a pena sujeitar-me a deslocações diárias complicadas.

Nessas aulas de preparação para Matemática, reparei num futuro colega meu que, apesar de não ter frequentado a referida escola para crianças com talento matemático, se destacava de todos os outros: Tibor.

Acabei por me candidatar a um liceu que tinha uma turma especializada, com um programa reforçado não de matemática, mas de programação. No sétimo ou oitavo ano, os meus pais tinham-me comprado, por uma quantia então exorbitante, o meu primeiro computador: um PC AT 386SX. O meu amor pelos computadores foi amor ao primeiro comando. O meu tio Zdeno, irmão do meu pai, desempenhou um papel importante nisso. Era diretor de uma empresa especializada na venda de computadores. A mulher dele, a tia Katka, era professora na escola que eu frequentava. Um dia, perguntou-me se não queria ir a casa deles ver o computador novo que tinham. Não hesitei um segundo e, nesse mesmo dia, fiquei a andar de um lado para o outro em frente à casa deles durante duas horas, até a minha prima chegar da escola e me deixar entrar para ir para o computador.

Era apenas um Commodore 64, mas, quando todos viram o meu entusiasmo, o meu pai conversou com o meu tio e concluiu, acertadamente, que seria sensato apoiar aquela paixão: os computadores eram o futuro e poderiam, um dia, dar-me sustento. Depois de passar nos exames de admissão à turma de programação, o meu destino ficou selado: seria programador ou, como mais tarde se começou a dizer, engenheiro de software.

8 O primeiro ano no liceu

O primeiro ano no liceu foi, até certo ponto, um choque para mim. De repente, já não era o melhor aluno a tudo menos a Educação Musical, como acontecera no ensino básico. Havia ali rapazes claramente melhores a Matemática, Física e também noutras disciplinas, como as línguas estrangeiras. O primeiro choque veio na segunda aula de Programação, quando a professora me chamou a responder e eu estava completamente impreparado. Logo na segunda aula, recebi um 3 numa avaliação oral da disciplina em que queria destacar-me: Programação. Até então, uma coisa dessas era impensável para mim. Compreendi depressa que aquilo não seria tão fácil como no ensino básico, onde me bastava rever, no intervalo anterior à aula, o que tínhamos dado da última vez para conseguir, sem dificuldade, ter só notas 1.

Ali era preciso trabalhar a sério. Estar bem preparado para todas as aulas, pelo menos o suficiente para que uma chamada oral ou um teste-surpresa não me prejudicasse ao ponto de deixar de poder ter um 1 na pauta. No primeiro semestre, apontei a notas 1 em todas as disciplinas, mas a professora de História fez-me mudar de objetivo. Perto do fim do semestre, ofereci-me para responder oralmente e disse que queria um 1, porque pretendia ter só notas 1. Ela cortou-me logo as asas, dizendo que no liceu só as raparigas tinham notas 1 a tudo e que, nos rapazes, isso não era normal. A partir daí, deixei de levar as notas tão ao extremo e acabei com um único 2, a Geografia, por ter estragado um dos últimos testes.

No final do primeiro semestre, fomos numa viagem de esqui com a turma. Só tínhamos três raparigas na classe. Com a puberdade em pleno, eu andava com as hormonas aos saltos: tinha catorze anos. Eu e outro colega, Peťo, interessámo-nos pela mesma rapariga. Peťo teve mais sorte do que eu e começaram a namorar. De raiva e frustração, achei que ia rebentar. Não podia fazer nada. Pelo menos, fisicamente. Virei então para dentro de mim toda aquela fúria e rancor. Imaginava e visualizava com toda a força a cabeça de Peťo a explodir por si só. Nunca lhe teria feito nada de concreto, mas aquela era a minha maneira de lidar, de algum modo, com o fracasso. Não sei se a intensidade da minha visualização lhe fez algum mal, mas o facto é que, anos depois, lhe nasceu um filho com autismo. Isso aconteceu, porém, apenas com o segundo filho, pelo que espero não ter tido realmente qualquer responsabilidade. Recordei este episódio a Peťo numa reunião de antigos colegas: não me pareceu que ele associasse as coisas ou visse alguma ligação direta. Escrevo isto, no fundo, para que a minha confissão fique completa.

Outro episódio relacionado com as hormonas aos saltos e com a minha dificuldade em lidar com a puberdade nesse aspeto aconteceu em casa da minha avó. Durante algum tempo, apesar de saber que um dia me envergonharia disso, tive tendência para importunar ligeiramente a minha prima. Escrevo aqui esta parvoíce porque me pesa na consciência e como uma forma de pedir desculpa. Felizmente, durou muito pouco. Nessa altura, comecei a namorar com Katka: as minhas hormonas encontraram outro alvo, mais legítimo, e depois ficou tudo mais ou menos bem.

A relação com Katka durou 10 anos, dos meus 14 aos 24. Graças a ela, vivi durante 10 anos uma relação exemplar. Katka tinha uma visão muito conservadora das questões ligadas à relação: nunca nos traímos. Penso que a minha natureza íntima é um pouco mais livre do que a maneira como ela encarava estas coisas. Para Katka, a sexualidade era algo que devia ser dedicado exclusivamente a uma pessoa. Esta visão decorre da conceção tradicional e conservadora das relações e é apresentada como modelo sobretudo

porque minimiza o aparecimento de conflitos na sociedade. Afinal, «Não cometerás adultério» é um dos mandamentos do Decálogo de Moisés. Coisas como os filhos nascidos fora do casamento foram, até agora, vistas como consequências estigmatizantes da transgressão de regras morais. Que assim tenha sido até hoje é, uma vez mais, uma das consequências da luta por recursos limitados. Um filho nascido fora do casamento ou um enteado é, com efeito, uma fonte constante de problemas em qualquer relação, desde o nascimento até à morte dos cônjuges — e até depois dela, através das peripécias do processo de sucessão. A meu ver, a sexualidade deveria, dentro de limites razoáveis, trazer às pessoas, antes de mais, alegria.

Se o problema de uma distribuição verdadeiramente justa dos recursos na sociedade for resolvido — se deixar, portanto, de existir o problema ancestral da luta pelos recursos —, a visão da maioria da sociedade sobre a sexualidade tornar-se-á muito mais liberal. Numa sociedade moderna e desenvolvida, haverá tanta prosperidade que qualquer receio relacionado com o património e a segurança material deixará de fazer sentido.

O conservadorismo tradicional assenta, simplesmente, em premissas que se irão alterar num futuro próximo, pelo que essa visão deixará de ser atual. Penso que a exclusividade do tempo dedicado à família durante a educação dos filhos continuará a desempenhar um papel importante na sociedade. Mas, depois de os filhos atingirem o início da idade adulta e já compreenderem como funcionam as relações, permanecer na mesma relação durante toda a vida parece-me contrariar a natureza humana. Sobretudo se tivermos em conta que, graças aos avanços da medicina, as pessoas viverão, muito provavelmente, por tempo ilimitado.

Assim, para concluir: se um casal tem filhos pequenos, é socialmente desejável que as crianças sejam educadas por ambos os pais, e seria bom que fosse visível que eles se amam. A criança precisa de sentir que é fruto e expressão do amor entre duas pessoas que, ao concebê-la, assumiram um compromisso bastante grande. Mas algo como aquilo que hoje se promete na igreja durante o casamento — «O que Deus uniu, o homem não separe» —, até ao fim da vida, é demasiado limitador e não se ajusta à natureza lúdica do ser humano. Uma consequência natural da transformação da ordem mundial no sentido de uma distribuição justa dos recursos será a mudança também neste domínio.

9 O funeral da mãe do meu pai

Durante os meus anos de liceu, morreu a mãe do meu pai, a minha outra avó, do lado paterno. Não era tão próximo dela como da mãe da minha mãe. No funeral, observei atentamente o meu pai. Meti na cabeça que, se a morte dela o tivesse afetado muito, faria tudo para a reverter, apesar de ela já ter morrido há vários dias. O meu pai percebeu que eu o observava intensamente e, nesse momento, deixou cair uma lágrima. Para mim, bastou. Concentrei toda a minha energia psíquica em fazer a minha avó voltar a si. Chamei-a de volta com a minha consciência com tal intensidade que quase desmaiei outra vez. A minha tia, que estava ao meu lado, teve de me amparar.

Foi então que tive a minha primeira experiência realmente brutal com a morte: parecia não estar ao meu alcance reverter uma coisa daquelas, por mais que quisesse. Alguns anos depois, pouco tempo após ter terminado a relação com Katka, uns colegas da universidade foram visitar-me a Praha, onde eu vivia nessa altura. Estávamos num bar onde um grupo de três raparigas tinha ido divertir-se. Uma delas

chamava-se Karolína, precisamente como a minha avó falecida. Nem sequer tinha pensado no nome, mas, quando contei ao meu pai que andava a sair com Karolína, ele ficou estarrecido. Percebi então que ele sabia muito bem o que eu decidira fazer naquele funeral e que via a relação com uma possível Karolína Bošková como uma espécie de realização do meu propósito. Eu não começara a sair com ela com essa intenção. A relação acabou por se dissipar. Ficou-me a lição de que provavelmente não posso reverter coisas como a morte de alguém próximo, mas que o esforço psíquico despendido nesse momento talvez se manifeste mais tarde de forma inesperada e, de algum modo, regresse a mim como um bumerangue.

10 Os primeiros projetos de programação

No primeiro ano, depois de aprender as bases de Pascal, lancei-me no meu primeiro projeto: um programa em que se podia desenhar com o rato numa tela, à semelhança do Paintbrush do Windows.

Improvisara uma primeira versão que devia conter todos os erros de principiante que um programador pode cometer. Na altura, ainda não sabia o que eram procedimentos e funções, por isso estava tudo enfiado no ciclo principal do programa. Uma autêntica catástrofe. Quando precisei de guardar num ficheiro aquilo que o utilizador desenhava, tive de pedir ajuda a Áron, um colega de um ano mais avançado. Ao ver aquela confusão, criou-me uma primeira função para guardar e uma segunda para ler a partir do ficheiro. Quando me devolveu o trabalho pronto, comentou: «E aprende a fazer procedimentos e funções.» Mais tarde, Áron voltaria a ter uma influência importante na minha vida de programador. Juntamente com alguns colegas talentosos da sua turma, conseguiu criar a primeira aventura gráfica eslovaca, um jogo de computador que chegou a ser vendido comercialmente. À sua volta formou-se todo um núcleo de programadores, artistas gráficos e argumentistas que tentavam repetir o seu sucesso. Eu, com Tibor e a ajuda de outros colegas, cheguei ao ponto de ter um motor de animação em gráficos SVGA (640 × 480), com 256 cores. Isto significava que havia no ecrã um cenário de fundo pelo qual se podia deslocar a vista, com figuras de soldados e tanques em primeiro plano. Era possível clicar em ambos e indicar para onde se devia mover a figura ou o tanque. Dada a ordem, a figura marchava até ao local pretendido. Podiam marchar várias ao mesmo tempo, sem entrarem nas zonas proibidas, delimitadas por polígonos fechados. Com o algoritmo de Dijkstra, Tibor programou a procura do caminho mais curto entre dois pontos quaisquer, garantindo que a figura não entrava numa zona proibida delimitada por um polígono. Nessa altura, ainda não existia nenhum outro jogo concluído com resolução SVGA. Isto acontecia porque, até então, nenhuma linguagem de programação permitia guardar mais de 64 KB de dados numa única variável, o que só chegava para uma resolução de 320 × 200 com 256 cores. Em Watcom C/C++, que usámos seguindo o exemplo de Áron, isso já era possível.

A nossa grande obra estava longe de ter potencial comercial, mas ajudou-me muito a conseguir empregos mais tarde. Sempre que a mostrava a alguém, a reação era do género: «Aqui estarias a ser desperdiçado, devias continuar com isto.» Ainda hoje guardo o código-fonte do jogo e, quando atravesso um momento de fraqueza ou dificuldade, volto a pô-lo a correr para me lembrar de que as coisas não podem estar tão más como talvez me pareçam, se eu e Tibor já éramos tão capazes aos 14 anos.



11 A Universidade de Economia

Na escolha da universidade para onde iria depois do liceu, a programação teve, naturalmente, um papel primordial. Havia instituições de orientação técnica, como a Faculdade de Engenharia Eletrotécnica e Informática (FEI) da Universidade Técnica Eslovaca, ou até a própria MatFyz. Os exames de admissão à MatFyz mostraram que o meu talento para a matemática não era assim tão excecional que eu não viesse a ter dificuldades no curso. Graças a Deus, nem sequer passei nos exames de admissão. Mais tarde, encontrei várias vezes pessoas que não tinham conseguido aguentar a MatFyz e acabaram, por exemplo, na Universidade de Economia. Sempre que via isso, sentia-me grato por não ter passado pelo mesmo e por ter escolhido bem à primeira. Na FEI, aceitaram-me sem exame de admissão, graças aos resultados do liceu. Mas eu não queria ir para lá, porque o primeiro ano era uma trabalheira que acabava num grande crivo, em que, por cada cem caloiros, dezenas eram excluídos. Tibor influenciou-me bastante na escolha da Universidade de Economia, pois desde o início apontava para lá. Começou a parecer-me uma boa opção sobretudo depois de ouvir algumas piadas: diziam que era a universidade do elétrico e que só não acabava o curso quem fosse atropelado por um elétrico em Bratislava. Isso significava que provavelmente conseguiria trabalhar enquanto estudava, o que mais tarde se revelou uma ideia muito sensata e acertada.

Um amigo que fez os exames de admissão no mesmo dia, sentado na carteira à minha frente, ajudou-me a obter resultados muito bons. Consegui copiar dele os três últimos exercícios de Matemática, que não tinha tido tempo de resolver no prazo previsto. Foi a primeira vez que compreendi mais seriamente que, mais importante do que possuir certas capacidades, é ter boas relações com as pessoas que as possuem. E depois aproveitar os efeitos de rede dessas relações. Teria entrado na universidade mesmo sem aquela pequena fraude, mas não teria ficado tão bem colocado na lista de resultados e, mais tarde, na residência universitária, não me teriam atribuído o quarto com os colegas com quem acabei por ficar.

Logo nas primeiras semanas de aulas, comecei a procurar trabalho. A Internet estava então praticamente a dar os primeiros passos na Eslováquia, mas, graças ao endereço de correio eletrónico que me atribuíram na universidade e ao acesso à Internet nas salas de aula, consegui marcar rapidamente uma entrevista com alguém na Slovenská sporiteľňa. Quando cheguei à agência bancária e entrei no gabinete dele, tudo decorreu de forma extraordinariamente simples. Bastou mostrar-lhe o meu projeto com soldados e um tanque em movimento para tudo ficar decidido. Levou-me imediatamente ao edifício da Asset, empresa que, nessa época, fornecia o sistema de informação bancária à Slovenská sporiteľňa. Apresentou-me a Julo Petrenko, responsável pelo projeto de Valores Mobiliários. Julo era um pouco mais novo do que o meu pai e entendemo-nos logo. Quando entrámos no gabinete, tinha os pés em cima da secretária e estava todo sujo de sementes de abóbora, que não parou de descascar durante a minha entrevista, sem o menor constrangimento. O homem do banco falou-lhe do meu projeto com os soldadinhos e acabámos por fechar o acordo com um aperto de mão. Saí de lá com um manual de cerca de 700 páginas sobre o sistema de bases de dados Oracle e a indicação de voltar na semana seguinte, depois de o ter estudado. Julo começou a chamar-me «jovem», e eu passei a chamar-lhe Július. Suspeitava de que ele não gostava muito, mas não tinha alternativa: depois do que eu vira na entrevista, aquele tratamento assentava-lhe de alguma maneira.

No primeiro semestre da universidade, fui experimentando até que ponto era realmente necessário assistir às aulas teóricas: alguns docentes exigiam-no, enquanto, com outros, bastava ir razoavelmente preparado às aulas práticas obrigatórias. Trabalhar numa empresa que fornecia o sistema de informação ao maior banco eslovaco revelou-se uma vantagem enorme. Para obter a aprovação na componente prática de Informática, era preciso preparar um projeto simples de base de dados que demonstrasse os princípios da normalização e da conceção de bases de dados. Tive o projeto pronto em cerca de 1,5 horas: chamava-se Gestão de Carteiras de Valores Mobiliários. Desenhei cuidadosamente as tabelas — de carteiras, de tipos de títulos — e as relações M:N entre os clientes, as carteiras e as listas dos títulos detidos. Quando o entreguei, ficaram todos a olhar. O docente das práticas perguntou-me: «E sabe sequer o que é uma carteira de títulos?» Respondi que trabalhava numa empresa que desenvolvia o sistema de informação da Slovenská sporiteľňa. No projeto de Valores Mobiliários. Ficou de boca aberta por um instante: afinal, um aluno do primeiro ano que já tivesse conseguido um emprego daqueles e conciliasse os estudos com esse trabalho não devia ser uma visão muito habitual.

A primeira época de exames também serviu para testar até onde podia ir. O meu objetivo era estudar o mínimo, obter pelo menos um 3 e dedicar o máximo de tempo ao trabalho. Julo provocava-me com isso: dizia que os conhecidos dele que estudavam Economia dedicavam, no máximo, três dias à preparação de cada exame. Eu respondia que aquela era a minha primeira época de exames e que não queria subestimá-la. O primeiro exame, logo depois do Natal, era de uma disciplina fundamental: Teoria Económica Geral, TEG. Era um grande pesadelo para todos os caloiros. Felizmente, tinha nessa disciplina uma professora que era provavelmente a melhor escolha: era preciso saber a matéria, mas quem o demonstrasse não saía de lá sem, pelo menos, um 3. Depois do Natal, regressei à residência bem-disposto e com a matéria estudada. Na véspera do exame, via a vitória como uma certeza. E assim foi. Tive um 1. É verdade que me saiu talvez a pergunta mais fácil de todas: a relação entre procura, oferta e preço num mercado livre. A examinadora comentou que, logo para começar, me tinha calhado uma pergunta tão fácil. Disse-lhe então que tiraria outra. Ela riu-se e respondeu que a sorte favorece os preparados e que deixasse estar.

O meu segundo exame já não foi um passeio por um jardim de rosas. Era Introdução ao Direito. A professora tinha um feitio algo instável: dava um 3 mesmo quando o aluno apenas se lembrava vagamente de alguma coisa relacionada com a pergunta, mas o essencial era não mostrar que se estava borrado de medo. Na primeira tentativa, ainda não lhe tinha apanhado o jeito, por isso nem esse 3 consegui. À medida que a época de exames avançava e eu acumulava aprovações, fui conversando com vários colegas sobre o exame de Direito. Ouvi histórias de quem lera os apontamentos na véspera e conseguira o 3 sem dificuldade. Perguntava-me qual seria o truque, até que o percebi ao ouvir um colega. Contou-me como tinha conversado com ela sobre o seu trabalho. A professora vira-o simplesmente como um igual: através daquela conversa, ele como que se libertara do papel de estudante a pedir uma nota e fizera-lhe ver que, na realidade, estavam em pé de igualdade. Com essa lição, voltei ao exame. Disse-lhe o que sabia sobre a pergunta que me saíra, mas tive o cuidado de não deixar transparecer, nem por um instante, o nervosismo com que desejava sair dali com uma nota. Fiz de conta que aquilo me era mais ou menos indiferente e, por fim, resultou. Foi uma das notas que consegui mais pela análise psicológica de quem examinava do que pelos conhecimentos. Aprender tudo o que vinha nas cerca de 400 páginas de apontamentos de Direito era uma tarefa relativamente difícil para mim, porque nem gosto tinha em lê-los, quanto mais em estudá-

los. Houve depois outros exames em que a análise de quem examinava teve um papel importante, mas aquele foi o primeiro problema potencialmente bastante sério do primeiro ano, com o qual aprendi muito para o futuro.

No primeiro verão da universidade, eu e Katka ficámos alojados numa residência universitária perto do meu trabalho. Aos poucos, comecei a ganhar mais do que os meus pais ganhavam então juntos. Contribuiu muito para isso ter-me estabelecido como trabalhador independente e otimizado os impostos e as contribuições. Em vez dos cerca de 50 % de impostos e contribuições que, na altura, incidiam sobre um trabalhador com um contrato normal a tempo inteiro, eu pagava bastante menos, talvez à volta de 25 %. Ficava-me, assim, muito mais dinheiro líquido e, quando terminei a universidade, tinha poupado o suficiente para comprar a pronto o meu primeiro apartamento de três assoalhadas, em Nitra. Ainda hoje o tenho, e representa uma parte substancial do meu património, pois o seu valor aumentou mais de seis vezes desde a compra, em 2002, até ao presente, em 2025.

Durante o meu trabalho na Asset, vivi uma situação que me mostrou como devemos tratar os nossos colaboradores e como transformar algo aparentemente insolúvel numa vantagem para toda a equipa. Estávamos a desenvolver um projeto que permitiria aos clientes do banco acumular títulos numa carteira e, ao mesmo tempo, investir o dinheiro excedentário que não estivesse aplicado em títulos em depósitos a prazo com juros mais favoráveis do que os habituais. Creio que estávamos perto de eleições, e nenhum funcionário da Slovenská sporiteľňa se atrevia a assinar a aceitação daquele projeto entregue pela Asset, porque todos esperavam para ver o resultado eleitoral. Do lado do cliente, no banco, o nosso interlocutor era um rapaz novo, provavelmente pouco mais velho do que eu. A justificação oficial que deram para não aceitar o projeto foi a falta de tempo para o testar. Eu, ingénuo e sem saber de qualquer enquadramento político mais amplo, combinei um almoço com aquele jovem funcionário do banco para lhe oferecer ajuda nos testes, o que deveria facilitar a aceitação oficial do projeto. Ao almoço, ele explicou-me como as coisas realmente estavam. Quando Julo soube que eu tinha almoçado com ele, levantou-se uma agitação que me deixou sem saber o que pensar. Já não me lembro dos pormenores exatos, mas Julo levou-me então a almoçar com Chrenko, o proprietário da Asset. Chrenko figurou durante algum tempo — ou figura ainda —, segundo a Forbes, entre os eslovacos mais ricos. A avaliar pelo que aconteceu depois, Julo recebeu claramente de Chrenko a ordem de entregar o projeto a todo o custo. Não sei ao certo o que se passava, ou não, nos bastidores, mas chocou-me que um estudante insignificante, ao meter-se em alguma coisa como um idiota ingénuo, pudesse provocar um terramoto daqueles. Nas semanas seguintes, Julo andou com a cabeça pesada, cheia do projeto. No fim, depois de algumas peripécias, foi possível entregá-lo com sucesso. Alguma coisa deve ter acontecido nos bastidores sem chegar ao meu conhecimento; não consigo explicá-lo de outra forma. Mas é possível que, sem a minha tentativa ingénua de resolver o problema, toda aquela avalanche de acontecimentos não tivesse começado. Aprendi que até a pessoa mais insignificante de um projeto pode fazer milagres. Desde então, não subestimo nenhum membro da minha equipa, pois aqueles que parecem ter menos poder podem acabar por decidir as coisas mais importantes. Muitas vezes, os que parecem menos importantes num projeto têm, na realidade, a sua mente empenhada no sucesso dele, no sentido de exercerem um controlo muito mais forte sobre os elementos da realidade relacionados com esse sucesso.

Passei o segundo verão da universidade alojado na residência do Horský park, pertencente à Universidade de Economia, onde também vivia durante o ano letivo. No trabalho, tinha uma colega nova, L'udmila, também licenciada por aquela universidade. Era bastante competente, mas o que mais me surpreendeu nela foram as incursões por domínios a que eu provavelmente nunca chegaria por mim próprio. Tinha uma certa inclinação excêntrica para música gótica mais sombria, gostava de se vestir de preto, mas também não tinha qualquer problema em pôr uma peruca de um azul intenso e ir assim trabalhar. L'udmila chamou-me a atenção para a obra de um certo František Bardon, que gostava de ouvir dizer que era um mago branco e escrevera alguns livros que pretendiam ser uma espécie de manual prático para alguém se tornar um verdadeiro mago. Segundo se dizia, Bardon fora primeiro preso pelos nazis na Alemanha e, mais tarde, pelos comunistas na Eslováquia. Por curiosidade, li alguns dos seus livros. Certas coisas ali descritas eram bastante inspiradoras, como as explicações sobre o funcionamento de determinados fenómenos. Quando tentei fazer alguns dos exercícios que ele recomendava — por exemplo, concentrar-me em vigiar os pensamentos e não pensar em nada —, percebi rapidamente que aquelas experiências eram mais prejudiciais do que benéficas. Depois de algumas tentativas de não pensar em nada, comecei a notar maior dificuldade em concentrar-me no trabalho, e essa era uma linha vermelha que eu não pretendia ultrapassar. Entre outras coisas, ele recomendava criar um amuleto: escolher um objeto de que se gostasse e colocá-lo, à noite, num lugar de difícil acesso, por exemplo no alto de um armário. Todas as noites, a pessoa devia obrigar-se a levantar-se e a tocar no objeto. Acumular-se-ia assim a energia gasta para se levantar a meio da noite, e o objeto tornar-se-ia uma espécie de amuleto pessoal benéfico, carregado de energia positiva. Nunca experimentei, mas, pela descrição, pareceu-me bastante plausível que alguém pudesse realmente criar dessa forma um objeto carregado de energia positiva. Pelo menos, podia certamente acreditar nisso, e essa crença talvez bastasse para o objeto adquirir tais propriedades. Perdi por completo a confiança em Bardon quando encontrei, num fórum da Internet, o testemunho de alguém que seguira as suas instruções e admitia não ter conseguido absolutamente nada com a magia branca. Passei a considerar a prática daqueles exercícios uma perda de tempo. Há pouco tempo, vi uma comparação entre um mapa do mundo tal como era visto na Antiguidade, incluindo a Antiguidade Clássica — com o Mediterrâneo ao centro e, em seu redor, algo que lembrava vagamente os países que hoje conhecemos —, e um mapa moderno. Era como se uma criança pequena tivesse tentado desenhar de memória aquilo que vira num mapa verdadeiro. Foi precisamente assim que os conhecimentos de Bardon sobre o funcionamento das coisas me pareceram em comparação com a ciência moderna. A magia da sociedade moderna é a ciência, que vai aperfeiçoando e tornando mais exato o mapa do conhecimento de que dispomos. Ainda assim, foi uma experiência inspiradora ler como alguém via o funcionamento da natureza há menos de cem anos.

12 Um verão na América

No verão de 2000, em vez de ficar a trabalhar como habitualmente, eu e Katka organizámos uma estadia de trabalho na América através do programa Work & Travel. Trabalhámos juntos na equipa de limpeza do parque aquático Noah's Ark, em Wisconsin Dells, uma pequena cidade turística não muito longe de Madison, a capital do Wisconsin.

Conhecer a América do ponto de vista de um trabalhador sazonal num parque foi uma experiência para a vida inteira. Antes de a visitar de facto, pensava que um dia me mudaria para lá e desenvolveria plenamente a minha carreira, porque era ali que existiam as melhores condições para isso. Depois daquele verão, porém, sabia que ficar na Europa seria muito mais confortável para mim. Nem sequer gostava de algo tão básico como a organização das ruas. Para mim, tudo era demasiado largo e aberto. Nada de centros de cidade com ruas estreitas e acolhedoras, como na Europa. Não me sentia bem ali. Katka também não contribuía muito para a tranquilidade: era a primeira vez na vida que passava tanto tempo longe da família e estava a lidar muito mal com isso. Logo no início da estadia, depois de discutirmos se devíamos dar meia-volta e regressar imediatamente a casa, desapareceu-me durante algum tempo. Andei de bicicleta por toda a Wisconsin Dells como um louco, a imaginar o que me diriam os pais dela quando lhes contasse que ela simplesmente me tinha desaparecido no meio da América. Foi um stresse dos diabos. Durante algum tempo, acreditei seriamente que alguém a tinha raptado, ou coisa do género. Acabei por encontrá-la, tranquilamente num baloiço, perto da casa onde nos tinham alojado.

Nesse dia, porém, o meu karma emocional recebeu a marca mais forte da minha vida até então. Por momentos, acreditei mesmo que tinha acontecido alguma coisa muito má. Mais tarde, já depois de termos acabado a relação, Katka passou por algo semelhante quando trabalhava como au pair em Londres. Durante algum tempo, procurou pela cidade, com o mesmo stresse, as crianças que lhe tinham confiado.



A trabalhar no parque aquático Noah's Ark, em Wisconsin Dells



Com Katka, num dia de folga no Wisconsin

13 Primeiro contacto com a ideia do Dinheiro Visível — a obra de Neale Donald Walsch

Por volta da viragem do milénio, li a série de livros do escritor americano Neale Donald Walsch, Conversas com Deus, volumes 1 a 3. São livros excecionais: o autor aborda praticamente todos os domínios da vida humana. Considero algumas das descrições, essencialmente ontológicas, dos mecanismos que ligam o ser humano a Deus a obra mais importante e mais elaborada que alguma vez li nesta área. Aquele homem é um génio religioso. Logo no início do primeiro livro, expõe princípios ontológicos fundamentais a que eu próprio chegara pela reflexão, mas que nunca encontrara reunidos e formulados de maneira tão clara.

Um ateu convicto provavelmente não apreciará plenamente a sua obra, porque a linguagem em que está escrita não recorre a conceitos concretos; usa frequentemente conceitos como o Ser, ao qual atribui, além disso, características humanas, como o desejo de se conhecer a si próprio, e assim por diante. Mas, para mim, ao lê-la, tudo encaixou na perfeição. Logo no início, aborda, por exemplo, algo tão simples e tão útil como a maneira correta de rezar. Uma oração bem feita consiste em agradecer a Deus, no íntimo, pelas coisas que já nos aconteceram. Ao expressarmos gratidão por algo que já aconteceu, realizamos, na verdade, o sentido da vida. Reconhecemos o que existe tal como aconteceu; confirmamos que aquilo que se passou foi bom. E essa é a música certa para os ouvidos de Deus e dos homens. Se alguém exprime uma condição numa oração — por exemplo, «o pão nosso de cada dia nos dai hoje» —, está, na verdade, a dizer que também pode surgir uma situação em que, por alguma razão, esse pão nos falte. É como se um filho nos lembrasse todos os dias de que precisa de comer. Não é preciso dizê-lo explicitamente: qualquer pai responsável o sabe. De um modo geral, o Pai-Nosso parece-me mais uma criação de pessoas que procuraram compreender, pela sua perspetiva humana, a relação com Deus. Há nele vários aspetos discutíveis, a começar pelo facto de Deus, evidentemente, não estar apenas nos céus.

O segundo livro da trilogia aborda também a possibilidade de um sistema social melhor. Talvez o mais adequado seja citar uma passagem:

«Isto não é uma proposta, mas um desafio. Desafio-vos a deitar fora todo o dinheiro, todas as notas e moedas, todas as moedas nacionais, e a começar inteiramente do princípio. Criem um sistema monetário internacional que seja completamente aberto, verificável e transparente. Criem um sistema mundial de compensação que atribua créditos pelos serviços prestados e débitos pelos serviços utilizados e pelos bens consumidos. Tudo ficaria registado. Rendimentos de investimentos, heranças, prémios de lotaria, ordenados e salários, gorjetas — absolutamente tudo. Nada se poderia comprar sem créditos. Não existiria qualquer outra moeda. Todos os registos financeiros estariam acessíveis a todos. Diz-se que se conhece uma pessoa pela sua conta bancária. Este sistema aproxima-se disso. As pessoas saberiam muito mais umas das outras do que sabem hoje. E não saberiam apenas mais umas das outras: saberiam mais sobre tudo. Saberiam quanto pagam e gastam as empresas — quais os seus preços de produção e de venda. (Consegues imaginar o que fariam essas empresas se tivessem de indicar dois preços em todos os produtos? Isso faria baixar os preços ou não? Estimularia a concorrência e fortaleceria o comércio honesto? Nem consegues imaginar as consequências deste sistema.) As transferências entre contas seriam imediatas, inteiramente

visíveis e transparentes. Ou seja, qualquer pessoa poderia consultar, a qualquer momento, os registos financeiros de qualquer indivíduo ou empresa. Nada seria secreto. O SMC deduziria dez por cento de todos os rendimentos e lucros das pessoas que solicitassem voluntariamente essa dedução. Não haveria impostos a que se pudesse fugir. Como todos os registos seriam públicos, toda a gente saberia quem entregava dez por cento dos seus lucros em benefício de toda a sociedade. Essas deduções voluntárias financiariam todos os programas estatais e sociais. Todo o sistema seria muito simples e transparente.» Ninguém concordaria com isso. «Claro que não. E sabes porquê? Porque um sistema desses impediria qualquer pessoa de fazer algo que não quisesse que os outros soubessem. Mas porque haveriam de querer fazer algo assim? Vou dizer-te porquê. Porque vivem numa sociedade assente na ideia de que é perfeitamente natural que "só os mais fortes sobrevivam". Se o principal objetivo da vossa sociedade fosse uma vida digna para todos (como acontece em todas as sociedades verdadeiramente esclarecidas), a vossa necessidade de secretismo e de manobras obscuras desapareceria. Tens consciência de quanta corrupção um sistema desses eliminaria? O segredo do seu êxito é a visibilidade e a transparência.» Uma ideia extraordinária. Transparência absoluta nas relações financeiras. Estou a tentar encontrar uma razão para que isso fosse mau, mas não me ocorre nenhuma. «Claro que não, porque não tens nada a esconder. Mas consegues imaginar o alarido que os ricos e os poderosos deste mundo fariam se soubessem que cada compra e cada venda, cada decisão e cada acordo comercial — que tudo estaria acessível a quem quisesse consultar? Digo-te uma coisa: nada conduz mais depressa à honestidade do que a transparência e a visibilidade. Visibilidade é outra palavra para verdade. Conhece a verdade, e a verdade libertar-te-á. Os governos, as empresas internacionais e os poderosos deste mundo sabem-no muito bem e, por isso, nunca permitirão que qualquer sistema político, social ou económico assente na verdade. Nas sociedades esclarecidas, não há segredos. Todos sabem o que os outros possuem, quanto ganham e que impostos pagam; todos sabem o que cada empresa compra e vende e quais os seus lucros. Todos sabem TUDO. Sabes por que razão isto só é possível em sociedades esclarecidas? Porque, numa sociedade esclarecida, ninguém quer nada à custa dos outros.» É uma forma radical de viver. «Só parece radical às pessoas de sociedades primitivas. Nas sociedades esclarecidas, é perfeitamente normal.» Fascina-me a ideia de visibilidade e transparência. Achas que seria possível aplicá-la também a outras áreas da nossa vida? Poderia tornar-se o princípio fundamental da nossa conduta nas relações pessoais? «Espero que sim.» E, por enquanto, não é assim. «Regra geral, não. Não no vosso planeta. A maioria das pessoas continua a ter algo a esconder.» Porquê? «Nas relações pessoais (e, na verdade, em todas as relações), as pessoas receiam perder alguma coisa ou não conseguir obtê-la. E, no entanto, as melhores relações pessoais, e certamente as melhores relações amorosas, são aquelas em que os parceiros sabem tudo um do outro. Nessas relações não há segredos nem incertezas, nada fica por dizer, nada se esconde. Ninguém procura "passar a perna" ao outro.» Mas, se todos soubessem tudo o que pensamos... «Espera. Não estamos a falar de falta de privacidade nem de impossibilidade de evolução espiritual. Não é, de todo, disso que estou a falar. Estamos a falar de honestidade e de abertura na forma de lidar com as pessoas. De dizerem sempre a verdade, de não a ocultarem quando sabem que é preciso dizê-la. Estou a falar de nunca mentirem nem distorcerem a verdade. Estamos a falar de todas as pessoas terem todas as informações de que necessitam. Estou a falar de honestidade e sinceridade. Isso não significa, evidentemente, que devam falar em público dos vossos assuntos privados. De cada pensamento, cada opinião, cada recordação, cada ideia e cada reação.

Isso seria loucura, não abertura. Estamos a falar de comunicação sincera e aberta. Mas parece que é uma ideia surpreendente.» Podes repetir? «Parece que é uma ideia surpreendente.» Devias atuar num cabaré. «É precisamente o que faço.» Falemos a sério: esta é mesmo uma ideia excelente. Imagina uma sociedade assente no princípio da visibilidade. Achas que funcionaria? «Vou dizer-te uma coisa. Metade dos males sociais desapareceria até amanhã. Metade de todas as preocupações, dos conflitos, da raiva, da frustração... É certo que, no início, as pessoas ficariam descontentes e zangadas ao descobrirem finalmente como tinham sido enganadas e exploradas. Mas, passados dois meses, toda essa raiva teria desaparecido. Pensa nisso. Achas que conseguirias viver assim? Sem segredos. Transparência absoluta. Visibilidade perfeita. E, se não conseguisses viver assim, porquê? O que escondes das pessoas? Que mentiras lhes contas? A mentira levou o vosso mundo ao estado em que o desejam? A manipulação (do mercado, das situações e das pessoas) trouxe-vos algum benefício? Será a "privacidade" verdadeiramente uma condição necessária à vida social e individual? O que aconteceria se todos pudessem ver tudo? Há nisso uma certa ironia. Não percebes que foi precisamente por isso que receaste o teu primeiro encontro com Deus? Não percebes que tiveste medo de que toda a dissimulação chegasse ao fim? Mas não tens nada a recear. Ninguém te julgará, ninguém te lançará nas chamas eternas do inferno.»

Quando li esta passagem pela primeira vez, compreendi de imediato que uma transformação da sociedade como aquela merecia tornar-se o sentido da minha vida. Sabia bem a resistência que a ideia encontraria. E sabia também que, graças à informática, tinha nas mãos a chave com que seria possível começar a concretizar essa transformação. A leitura dos livros de Walsch mudou a minha vida para sempre. Pouco depois surgiu o primeiro projeto particularmente próximo das finanças públicas e da sua gestão: o projeto da Tesouraria do Estado da República Eslovaca.

14 O trabalho na QBSW — o projeto da Tesouraria do Estado

Depois de regressar da América, ainda tentei, durante algum tempo, conseguir um estágio profissional nos Estados Unidos. Naquele ano, Tibor conseguira um estágio numa empresa de informática em Miami. Katka e eu regressámos à Eslováquia no início de setembro e, a meio do mês, voei para Miami, para junto de Tibor, com o objetivo de encontrar um estágio semelhante ao dele. Depois de alguma discussão com uma funcionária dos serviços de imigração, por causa do meu visto, que expirava daí a um mês, acabaram por me deixar entrar. Não consegui o estágio, mas, de qualquer modo, teria sido inútil: mais tarde soube que não era possível prolongar os vistos de trabalho do programa Work And Travel através de um estágio. Também não me incomodou muito, porque, durante a minha estadia na América, já percebera que aquilo não era para mim.

Quando voltei à Eslováquia, regressei ao trabalho na Asset, desta vez num novo projeto chamado Dealing. Era uma parte do sistema informático bancário que permitia aos operadores do banco negociar nas bolsas. Estava estreitamente ligado ao projeto de Valores Mobiliários, mas centrava-se mais nas operações interbancárias entre os operadores dos vários bancos. No projeto, conheci alguns rapazes da minha idade que estudavam na FEI. Mais uma vez, pude ver de perto como podia ser complicado conciliar um curso relativamente exigente com o trabalho. Alguns acabaram por ser excluídos da FEI e foram parar à Universidade de Economia. Não tardou a surgir uma proposta de trabalho vinda destes novos colegas. Um gestor da Asset decidira sair e ir trabalhar para o Ministério das Finanças, onde prepararia a documentação do concurso da Tesouraria do Estado que o ministério tencionava lançar em breve. Esse funcionário — vou chamar-lhe Michal Suchota — tornou-se mais tarde relativamente conhecido na Eslováquia, tendo o seu nome surgido em vários casos de corrupção mediáticos. Suchota era uma figura bastante invulgar: teria apenas mais quatro ou cinco anos do que eu, mas na Asset tinha fama de ser um gestor talvez até implacável, que conseguia sempre o que queria. As pessoas que trabalhavam sob as suas ordens ficavam sempre sobre brasas mal ele entrava na sala. Uma vez, Julo disse-me qualquer coisa como que o utilizavam como uma arma poderosa e eficaz para resolver problemas difíceis.

Embora fosse evidente, desde o princípio, que toda a nova empresa cheirava a corrupção, depois do que acontecera na Eslováquia nos anos 90, quando explodiam carros de empresários e se raptara o filho do presidente, aquilo parecia-me, em comparação com matar pessoas, uma escaramuça inofensiva que inevitavelmente surgia onde se repartiam grandes somas de dinheiro. Hoje, quando estas coisas são encaradas com muito mais sensibilidade e a fasquia moral está muito mais alta, teria agido de outra maneira. Mas tive de percorrer um certo caminho para chegar à forma como hoje vejo as coisas. Agora sei que a integridade moral tem um valor incalculável. Ainda assim, penso que não se podem condenar sem mais as decisões de um estudante de vinte anos, relativamente inexperiente, que ouve todos os dias como a sociedade inteira está entregue à vigarice, como se privatiza desenfreadamente e como cada um, naquela corrida de ratos, pensa acima de tudo em si próprio. Afinal, foi também por essa altura que nasceu a ideia do projeto de dinheiro transparente. Trabalhar na Tesouraria do Estado tinha, de certa forma, afinidades com os meus planos de reforma da sociedade.

Percebi plenamente que havia algo de pouco correto na forma como a QBSW funcionava no dia 11 de setembro de 2001. Nesse dia, chegou à QBSW, por certos canais, a notícia de que, muito

provavelmente, ficaríamos com o contrato da Tesouraria do Estado. Poucos minutos depois, estávamos a ver na televisão as Torres Gémeas a cair. Interpretei aquilo como um sinal do universo de que, se continuasse por aquele caminho, se seguiria o colapso de todo o universo. Foi então que começou definitivamente a crescer em mim a decisão de me afastar, pouco a pouco, da QBSW.

Na QBSW, ainda tive tempo de realizar, sob a direção de Suchota, um projeto que também me serviu de base para o trabalho de fim de curso. O trabalho incidia sobre a criação de um sistema informático para uma empresa de aluguer operacional de automóveis. Suchota angariara o projeto, mas era a QBSW que o executava, e eu fazia a ligação entre os programadores da QBSW e o cliente. O cliente provavelmente nunca soube que o projeto estava, na realidade, a ser desenvolvido por uma empresa chamada QBSW. Só me conhecia a mim e ao nosso administrador de bases de dados, que lhe instalou o sistema. Também eu contribuí diretamente, e em grande medida, para conseguirmos o contrato: numa tarde, apresentei ao diretor da empresa de leasing um belo diagrama meu, onde estava desenhada a forma como o nosso sistema comunicaria com as entidades externas à empresa. Era uma obra-prima, e tive a sensação de que contribuíra decisivamente para acabarmos por fornecer a solução. O sistema inteiro foi desenvolvido na QBSW ao longo de talvez pouco mais de meio ano. O preço mal chegava para pagar os custos dos programadores, mas o contrato teve uma importância crucial para a QBSW, porque permitiu formar as equipas de desenvolvimento num projeto real, ainda antes da Tesouraria do Estado, e aperfeiçoar a framework interna em que se trabalhava. Despachei o trabalho de fim de curso em poucos dias: bastou pegar em alguns fluxogramas e ecrãs, descrevê-los, e estava feito.

15 Conversa com Hilda

A conversa que se segue aconteceu entre mim e a coproprietária da Med-art, numa matança do porco organizada pelo meu pai. Só me lembro dela em linhas gerais; algumas frases talvez tenham sido ditas de outra maneira, ou nem sequer tenham sido ditas. Ainda assim, apresento-a aqui desta forma, porque poderá ser instrutiva para alguém.

«E em que área se formou?», perguntei, enquanto lavava as tripas. Psicologia, respondeu. «A psicologia parece-me muito interessante», continuei. Estende-se às questões mais fundamentais da existência. A psique humana está, afinal, inseparavelmente ligada à própria perceção. Já alguma vez pensou no mecanismo pelo qual, de uma entidade que é tudo o que existe, pode nascer algo que seja menos do que tudo? E que, de algum modo, esteja separado do resto? Hilda ergueu as sobrancelhas, incrédula. Provavelmente não esperava discutir estas coisas enquanto preparava uma matança. Mas isso só me deu mais ânimo. Imagine que é tudo o que existe. Nada existe para além de si. Não há qualquer domínio exterior a si que lhe possa servir de referência. Como pode uma entidade assim entreter-se a si própria? Não atribuo ao Ser o desejo de se entreter, semelhante à necessidade que também o ser humano sente, por mero acaso. Em várias passagens da Bíblia, lê-se que o homem foi criado à imagem de Deus. Seria, portanto, mais correto dizer que o homem tem necessidades semelhantes às do próprio Ser. Como pode, então, entreter-se algo que é tudo? Logicamente, tem de se dividir em partes mais pequenas e, por assim dizer, esquecer por um momento aquilo que realmente é. E, aos poucos, nesse jogo das escondidas, ir ultrapassando coisas que parecem desconhecidas e alheias. Mas só parecem assim porque uma parte do Ser

se esqueceu do todo que antes constituía. E essa redescoberta traz um alívio cuja experiência dá sentido a tudo.

Penso que o estudo de uma ciência como a psicologia deveria estar muito mais ligado, por exemplo, à ontologia, a ciência do ser. Deveriam ser estudadas em conjunto, precisamente porque as unidades de existência dotadas de consciência têm, a todos os níveis, características e necessidades semelhantes. A partir do estudo da psicologia humana, pode deduzir-se muito acerca do próprio ser. Parece-me um erro procurar estudar o mundo exterior e tentar explicar o nosso mundo interior através das leis que aí encontramos. Isso nunca funcionará. A consciência humana deveria ser o ponto de partida. O facto de a natureza, fora de nós, aparentemente se comportar sempre da mesma maneira em condições iguais é, em boa medida, uma coincidência, não um princípio inflexível a partir do qual se deva determinar o que acontecerá em todas as circunstâncias.

Basta pensar no que aconteceu há relativamente pouco tempo: a queda das Torres Gémeas em Nova Iorque. Todos os adeptos de teorias da conspiração do mundo explodiram: uma conspiração evidente, um edifício previamente armadilhado com explosivos, que alguém fizera ir pelos ares. Para uma conspiração dessas funcionar, seria necessário dominar uma complexidade de proporções gigantescas. Como se armadilha um edifício inteiro sem ninguém dar por isso? Como se garante que nenhuma das dezenas de pessoas necessárias à operação deixe escapar, em lado algum, sequer uma alusão? É simplesmente impossível do ponto de vista estatístico. Vou dizer-lhe o que, naquele momento, distinguia as Torres Gémeas de um edifício comum. Milhares de milhões de pessoas olhavam para elas através da televisão, à espera de ver se algo assim acabaria por acontecer. E essa expectativa imensa, talvez a maior expectativa coletiva de toda a história da humanidade, podia muito bem, na minha opinião, ter provocado o que aconteceu. Embora não tenha qualquer prova da minha teoria, uma explicação tão exótica parece-me mais provável do que a teoria de que o edifício foi deliberadamente feito explodir.

16 Med-art — o serviço civil e a publicação do artigo

Depois de terminar a universidade, era preciso cumprir o serviço militar obrigatório ou a sua alternativa, o chamado serviço civil. O meu pai arranjou-me um lugar na Med-art para fazer o serviço civil. De início, seria apenas de fachada: oficialmente estaria na Med-art, mas, entretanto, ocupar-me-ia das minhas coisas. Tudo mudou, porém, numa conversa com o proprietário da Med-art, Ján Holec. Quando me queixei das peripécias que então vivia na QBSW, ele decidiu, a meio da conversa, que eu teria de cumprir o serviço civil presencialmente. Fiquei bastante surpreendido, mas acabou por ser uma saída bem-vinda da QBSW e da azáfama e do stresse dos projetos em que lá trabalhava. No fundo, já queria sair da QBSW. Na Med-art, encarregaram-me de criar um novo sítio Web para a empresa, porque o que tinham estava muito negligenciado. Em duas semanas, montei qualquer coisa que tinha bastante bom aspeto — o que, tendo em conta o estado anterior, não era difícil — e incluía um catálogo dos medicamentos que a Med-art vendia às farmácias, com os respetivos preços atualizados. Os preços eram transferidos de forma semiautomática do sistema informático interno para tabelas MySQL, sobre as quais funcionava o sítio, pelo que estavam sempre relativamente atualizados. O novo sítio Web fez bastante sucesso junto da direção e permitiu-me conquistar a confiança do proprietário. Quem não via com bons olhos o meu êxito na Med-art era o responsável pela informática. Via em mim um concorrente e receava, claramente, que eu pudesse vir a substituí-lo.

De três em três meses, a Med-art publicava a sua própria revista interna, a Medium. Escrevi alguns artigos para ela: sobre realidade virtual, utilização segura dos serviços bancários pela Internet e outros temas educativos semelhantes. Nessa altura, porém, preparava um artigo cuja publicação abalaria tanto a minha vida que, durante muitos anos, a empurraria numa direção completamente diferente da que imaginara.

Algum tempo antes, publicara num semanário com pretensões intelectuais, o Domino fórum, um artigo intitulado «Tecnologias da informação: finalmente um caminho para uma nova sociedade?». Nele, esboçava essencialmente a visão de sociedade que encontrara na obra de Walsch. Acrescentara também algumas perspetivas minhas e coisas que sabia, por exemplo, sobre a Tesouraria do Estado e outros temas da atualidade. Na mesma edição, saiu logo uma resposta ao meu artigo. O autor, creio que se chamava Matej Šuster, deitou abaixo toda a ideia, claro, de uma maneira inteiramente superficial. Algumas das suas objeções seriam muito fáceis de resolver com um pouco mais de reflexão. Decidi, por isso, escrever a minha própria resposta e publicá-la no portal do diário sme.sk.

No dia seguinte à publicação do artigo, estava sentado ao computador na Med-art a responder aos comentários dos leitores. Mas perdi bastante a cabeça nas respostas: insultei desnecessariamente alguns participantes porque se tinham atrevido a duvidar do meu plano «genial» para salvar o mundo. Quando, alguns dias depois, reli as minhas respostas aos comentários dos outros, quis que a terra me engolisse de vergonha. Os comentários tinham o tom inconfundível de um fedelho de 24 anos a quem, aparentemente, tudo em que tocara na vida correra bem e que tinha uma confiança doentia nos seus planos. Senti que, com aqueles comentários, destruíra para sempre os meus projetos de mudar o mundo. Aos meus olhos, bastaria mostrar as minhas respostas a qualquer pessoa para ela perceber que eu era um idiota, e não um reformador genial que finalmente trazia uma mudança capaz de funcionar e de transformar, de uma vez

por todas, a maneira como as pessoas se tratam. Ainda hoje, tantos anos depois, me custa ler aqueles comentários. No fundo, porém, fora apenas um desvario relativamente pequeno, incomparável com aquilo que algumas pessoas são capazes de escrever atualmente nas caixas de comentários. Mas, na altura, não o via assim. Pus-me completamente fora de jogo. A isso juntou-se o facto de ter mostrado o artigo, com orgulho, ao responsável pela informática da Med-art, que aproveitou a situação e provavelmente descreveu de forma bem vívida a minha revolução da sociedade ao proprietário, Holec. Algumas das minhas respostas punham em causa o próprio capitalismo, e havia observações do género: «Vai à tua médica e pede-lhe que te receite um medicamento; logo verás como o capitalismo é perfeito.» É evidente que isso não podia agradar ao dono de uma empresa de distribuição de medicamentos.

Por isso, de um dia para o outro, transferiram-me do departamento de informática para o armazém, onde, em vez de criar o sítio Web, separava medicamentos para as encomendas.

A enorme frustração de me ter desiludido a mim próprio — no fundo, a sensação de ter destruído de forma colossal todos os meus planos futuros com um único artigo e alguns comentários —, somada a pormenores como a transferência para um trabalho inferior, que também não me ajudavam a levantar o ânimo, fez com que, de um dia para o outro, começasse a ver tudo no mais negro dos negros. A tal ponto que deixei de ver razão para continuar a viver, e pouco faltou para tudo acabar mal. No fundo, queria intensamente morrer ali mesmo. Rejeitava com tanta força uma realidade que, a meu ver, estava completamente arruinada, que consegui desmaiar conscientemente. Concentrei-me intensamente e de forma deliberada no meu primeiro sistema de sinalização, até conseguir realmente desligar-me pela força da vontade. Penso que é algures aí que estão as origens dos meus problemas posteriores de esclerose múltipla. Provavelmente consegui acionar, no meu corpo, um interruptor que o levou a começar a atacar-se a si próprio. A esclerose múltipla é, afinal, uma doença autoimune em que as células imunitárias atacam outras células do organismo, julgando estar a combater uma infeção. Desmaiei no parque de estacionamento do Tesco. Veio uma ambulância buscar-me, e nela recuperei os sentidos por breves instantes. Só despertei por completo já numa cama do hospital, no serviço de psiquiatria. Quando o médico que me recebeu me viu, concluiu que eu devia ter tomado alguma droga. A minha mãe contestou: era impossível. O diagnóstico final foi esquizofrenia. Conseguira abalar a minha própria saúde de tal maneira que, nos nove anos seguintes, sempre que passava por uma tensão psicológica maior, acabava no hospital de Nitra depois de um surto de esquizofrenia.

Os meus surtos manifestavam-se por uma sensibilidade acrescida a qualquer estímulo psicológico. Nesse estado, por exemplo, desatava a chorar durante uma cena triste de um filme, embora normalmente isso nunca me tivesse acontecido. Uma vez, o simples facto de o meu pai duvidar um pouco de mim perturbou-me de tal modo que, no meu íntimo, em plena psicose, vivi uma crucificação na primeira pessoa.

17 Crucificação

O meu pai está sentado à minha frente, à mesa da cozinha. A luz refrata-se na borda do copo de chá, e há na divisão uma quietude de sesta depois do almoço em que se ouve até a própria respiração. Esvazia-me a carteira devagar, quase como num ritual — papelinho a papelinho, cartão a cartão. Dispõe tudo em pequenos montes arrumados, como se escolhesse grãos de arroz antes de os cozinhar.

«Para que serve isto?», pergunta, e uma sombra atravessa-lhe a testa. As suas palavras desencadeiam uma tempestade dentro de mim. Uma dor surda, imensa, atravessa-me o pulso esquerdo. O pulso trespassado por um grosso prego romano. A sua desconfiança perante uma coisa tão banal como o facto de haver, certamente, uma razão para eu ter aquele cartão na carteira é amplificada pela minha psicose a tal ponto que vivo uma crucificação na primeira pessoa.

É o cartão do ginásio; sem ele não me deixam entrar. O meu pai acena com a cabeça, a dizer que compreende. Sinto um alívio imenso por ele ter percebido — por eu não ser, simplesmente, uma pessoa esquisita que anda com tralha na carteira sem razão nenhuma — e a dor no pulso esquerdo desaparece. Tal como a dor fora amplificada, também o alívio tem a mesma intensidade.

Logo a seguir chega outra pergunta: «E isto, para que o tens?» A dor surda e imensa no pulso esquerdo regressa, acompanhada pelo som nítido do martelo a bater pela segunda vez no prego já cravado.

Deus Pai, porque me pergunta ele uma coisa tão evidente? Porque não confia simplesmente em mim? Depois da explicação, chega um alívio semelhante ao que senti após a primeira resposta. E percebo que acabei de viver o ciclo da existência em toda a sua plenitude: primeiro, o sofrimento sob a forma de incertezas, a dúvida sobre mim próprio até ao mais fundo de mim. Depois, o esclarecimento e um alívio imenso. Um alívio que justifica e cura até uma dor física tão enorme como a que pode causar a crucificação de um ser humano. Deus Pai, obrigado por tudo ter acabado assim! Tenho as lágrimas à flor dos olhos.

Deus Pai, o Filho Te chama, que até a montanha ganhe vida! Até a pedra pode — tem mesmo de o sentir — alimentar o ser com o seu existir!

Nunca tinha pensado na maneira como as pessoas eram, de facto, crucificadas. Surpreendeu-me sentir os pregos nos pulsos, e não nas palmas das mãos, como habitualmente se representa. Mais tarde, perguntei à minha avó e a um padre onde tinham pregado Jesus. Ambos me disseram que fora nos pulsos, e não nas palmas, porque estas não suportariam todo o peso do corpo.

18 Praha

Depois de recuperar mais ou menos dos meus infelizes comentários ao artigo, não voltei à Med-art. Começou um período desagradável, em que procurava um emprego onde me sentisse bem. Primeiro tentei em Nitra, numa empresa que desenvolvia um sistema bancário. Mas tudo estava feito em C, o que me parecia bastante desconfortável depois de vários anos a trabalhar com linguagens de programação de nível mais elevado, nas quais o programador não precisava de se preocupar com coisas como a alocação e a libertação de memória. A tentativa seguinte foi numa empresa que fornecia sistemas de tesouraria a vários bancos. Também não me adaptei, porque, dessa vez, o trabalho estava demasiado afastado da programação: era sobretudo consultoria, e era preciso conhecer muito bem o sistema que a empresa fornecia. À terceira tentativa, porém, a procura de emprego correu bem. Entretanto, Tibor conseguira um trabalho muito bem pago em Praha, como independente. Nessa altura, já ouvira falar de vários antigos colegas de curso que tinham encontrado oportunidades semelhantes em Praha. Comecei, por isso, a acompanhar as ofertas nos portais de emprego checos. Até que, finalmente, surgiu a oportunidade. A Accenture procurava alguém com conhecimentos de Oracle para um projeto de banca pela Internet para a Česká sporiteľňa. A entrevista correu sem qualquer dificuldade, embora eu percebesse que o gestor eslovaco que me escolheu não estava totalmente seguro das minhas capacidades. Não houve qualquer teste de aptidão; contratou-me apenas pela boa impressão que lhe causara.

Depois do primeiro dia de trabalho, percebi, porém, que finalmente encontrara um emprego em que me sentiria como peixe na água. Tratava-se exclusivamente de desenvolvimento PL/SQL sobre a base de dados do banco, para o projeto de banca pela Internet. Os serviços estavam a ser modernizados, acrescentavam-se serviços bancários por GSM e muitas outras funcionalidades. O meu chefe era um colega muito competente, um ou dois anos mais velho do que eu, Jirko Dvořák. Jirko tinha um raciocínio tão rápido que, por vezes, eu sentia que estava a léguas de distância, impossivelmente à minha frente. Isso deixava-me bastante resguardado no plano intelectual: se alguma coisa não estava clara, bastava perguntar-lhe e o problema ficava resolvido. Sentia-me muito bem em Praha. Arranjei um pequeno apartamento perto do trabalho, para onde Katka veio mais tarde viver comigo. Estávamos muito bem, tínhamos dinheiro suficiente, comíamos quase sempre em restaurantes, não havia preocupações. Só era preciso fazer compras e limpar a casa uma vez por semana, para nos sentirmos bem no apartamento. Katka arranjou algum trabalho ocasional numa escola de línguas, onde ensinava alemão. Não ganhava muito, mas também não era preciso. Apesar de estarmos tão bem, a relação começou a ter alguns atritos; havia aspetos da sua maneira de ver as coisas com que eu não me conseguia conformar. Provavelmente começou também a pesar o excesso de convivência, e certos traços da sua personalidade passaram a incomodar-me bastante. Acabámos por nos separar, e ela foi trabalhar como au pair para Londres. Depois de algum tempo de sossego, a minha esquizofrenia voltou a manifestar-se. Foi uma altura estranha; penso que em novembro de 2004. Não me recordo exatamente do que aconteceu. Voltei a ficar hipersensível a todos os estímulos psicológicos. Creio que era sexta-feira, e terminei a semana a pagar vários milhares de coroas checas a um taxista de Praha para me levar a casa, a Nitra, a cerca de 420 quilómetros dali. Não tinha forças para enfrentar a viagem de autocarro. Acabei de novo no hospital. Parece-me que foi no mesmo dia em que um vendaval assolou os Vysoké Tatry. Havia algo de mau no ar, e aquilo abalou-me por completo.

Não era uma tempestade no verdadeiro sentido da palavra, como a de que fala o hino eslovaco, mas, quando vi a devastação deixada pelo vendaval, a primeira coisa que me ocorreu foi que, depois de uma calamidade daquelas, os eslovacos talvez finalmente pudessem despertar de verdade, como se canta no hino.

Quando, algumas semanas depois, já mais calmo, regressei a Praha, o gestor da Accenture apresentou-me condições para os seis meses seguintes que me deixaram de boca aberta. Propôs-me um contrato de meio ano, com uma remuneração equivalente a 60 EUR por hora. Ao longo desses seis meses, graças ao contrato, praticamente dupliquei o meu património. Foi o período mais bem pago da minha vida. Infelizmente, durou muito pouco: o gestor constituiu família na Eslováquia e, terminado o contrato, ofereceram-me na Česká sporiteľňa um contrato de trabalho normal, a tempo inteiro. No plano profissional, as coisas tinham piorado: aborrecia-me bastante no projeto e, perto do fim do contrato, já estava parcialmente esgotado de tanto tédio e um pouco fora de mim, à procura de maneiras de ocupar o tempo. Quando o banco quis que eu passasse a trabalhador por conta de outrem, por uma remuneração que, comparada com a do contrato anterior, era praticamente ridícula, decidi tentar a sorte noutro lugar.

19 Férias na Índia

Em setembro de 2006, passei duas semanas de férias na Índia. A pobreza do país chocou-me. Quando vi a miséria em que vivia uma quantidade tão enorme de pessoas, percebi que a Índia tinha um potencial imenso. Se cada uma daquelas mãos estendidas a pedir começasse a fazer algo com sentido, aconteceriam milagres. O que poderiam fazer saltava à vista em cada rua, edifício ou templo negligenciado e meio em ruínas. O estado da Índia lembrava-me o da Alemanha depois da Segunda Guerra Mundial, que vira em vários documentários históricos. Se alguém tomasse a iniciativa de concretizar na Índia algo semelhante ao Plano Marshall, o efeito seria maior do que na Europa do pós-guerra.



Junto ao Taj Mahal

Depois de regressar das férias, fui a uma consulta de neurologia porque não me sentia bem de saúde: caminhar tornara-se estranhamente difícil. Acabei no hospital, onde me fizeram uma punção lombar para recolher líquido cefalorraquidiano, por suspeita de esclerose múltipla. Mas, quando disse ao neurologista que pouco antes estivera de férias na Índia, ele deu automaticamente o assunto por encerrado, concluindo que provavelmente apanhara lá alguma doença exótica, e transferiu-me para o serviço de doenças infeciosas. Quando os resultados da análise do líquido regressaram de Bratislava ao hospital de Nitra, nenhum neurologista os viu, porque eu já estava internado noutro serviço. Só cinco anos depois a minha neurologista de acompanhamento os viu e, ao primeiro olhar, exclamou: «Mas o senhor tem esclerose múltipla!» Por causa da desorganização dos serviços de neurologia e de doenças infeciosas do hospital, perdi cinco anos de tratamento. É muito provável que, se o tratamento tivesse começado logo, como devia,

eu não tivesse acabado numa cadeira de rodas. Mas também sou parcialmente responsável pelo meu estado: em várias ocasiões senti claramente que não estava bem, mas, tranquilizado pelos exames anteriores, deixei andar.

20 Irlanda

Depois de regressar das férias, tive uma entrevista com um checo que era gestor de projeto numa empresa que desenvolvia um sistema informático para universidades na Irlanda. Chamava-se Jan Navrátil. Mudar de país e de ambiente pareceu-me uma mudança bem-vinda. Mas nem sequer aguentei meio ano inteiro na Irlanda. Não conhecia ninguém, e tudo era tão caro que nem me podia dar ao luxo de comer em restaurantes. Só pelo aluguer de um quarto num apartamento de três assoalhadas pagava 700 EUR, cerca de um terço do meu salário. Também não consegui afirmar-me no projeto como esperavam de mim. Jan Navrátil fez jus ao seu apelido e tratou de me fazer regressar à Eslováquia muito depressa.

21 Sony e o acidente de automóvel

Ainda trabalhava na Irlanda quando marquei, na Eslováquia, uma entrevista para um possível emprego na Sony Slovakia. Comecei lá a trabalhar algures em maio de 2007. Ia todos os dias no meu carro para Trnava, onde a Sony tinha a fábrica, e levava comigo outras pessoas de Nitra, que contribuíam para a gasolina. O chefe do departamento de informática era um húngaro de quem ouvia falar todos os dias nas viagens da manhã. Era, pelo que se via, bastante incompetente e compensava essa limitação maltratando os subordinados. Não tinha influência direta sobre mim: eu estava num departamento vários níveis abaixo do dele, separado dele por algumas pessoas sensatas, que se comportavam como devia ser. Mas todas as manhãs levava um colega que era seu subordinado direto e me contava, com todos os pormenores, o que ali se passava. Numa sexta-feira de agosto de 2007, juntaram-se várias coisas negativas que acabaram por me fazer perder abruptamente o controlo. De manhã, a caminho do trabalho, voltei a ouvir o meu colega, extremamente stressado, queixar-se do chefe; no trabalho, puseram-me a fazer coisas com que não me sentia inteiramente à vontade; abateu-se sobre mim a sensação de fracasso da minha missão malograda na Irlanda. Tudo isso culminou na conclusão de que continuar assim simplesmente não fazia sentido. No trabalho, passava mais tempo na casa de banho do que ao computador, alimentando pensamentos negativos e convencendo-me de que tinha de mudar alguma coisa de forma radical. Depois de chegar a Nitra, entrei no carro e dirigi-me para a estrada que melhor conhecia na vida: a estrada para casa da minha avó. Durante o percurso, pus o cinto de segurança, porque me lembrei do meu pai, que mo recomendava em todas as viagens de carro. Não me apetecia discutir uma multa com um polícia, caso me mandassem parar e eu não tivesse o cinto. Os sermões constantes do meu pai provavelmente salvaram-me a vida. Pouco depois de Cabaj, havia um troço em que a estrada curvava para a esquerda e, em frente, estava uma árvore. Quando a vi, alegrei-me por um instante: encontrara o que procurava. Bastava não fazer a curva, e estava resolvido. O condutor que vinha atrás de mim parou imediatamente após o acidente e correu a ajudar-me. A primeira coisa que me ouviu dizer foi qualquer coisa como: já nem se pode uma pessoa matar-se em paz? Felizmente, não percebeu bem o que eu murmurava. Do seu ponto de vista, parecia que eu simplesmente adormecera por um instante e não fizera a curva. Quando chegaram a minha mãe e o meu tio, disse-lhes que fora uma tentativa de suicídio. A minha mãe interpretou aquilo como mais uma manifestação da esquizofrenia, e acabei de novo no serviço de psiquiatria do hospital de Nitra.

22 Regresso a Praha

Depois de sair do hospital, não voltei à Sony. Por essa altura conheci um rapaz chamado Martin. Tinha uma empresa na Eslováquia que vendia serviços relacionados com sítios Web. Dávamo-nos bastante bem; era inteligente e divertido. Quando soube o que fazia, ocorreu-me que poderíamos repetir a mesma coisa em Praha, para o mercado checo. Por isso, criámos juntos uma sociedade por quotas, mudei-me para Praha, arrendei ali um apartamento em nome da empresa e tentei vender, essencialmente, a criação de sítios Web à medida para o mercado checo. Depressa percebi que tentar vender serviços que, nessa altura, já eram correntes não era nada fácil. Já então fazia sentido criar serviços em que praticamente qualquer pessoa pudesse construir um sítio Web por umas poucas coroas. Nós, porém, fazíamos sítios separados, empresa a empresa, e isso já não era um bom plano de negócio. Creio que conseguimos manter a empresa mais ou menos à tona, mas não era nenhum êxito. No fundo, só escapámos aos prejuízos porque recomendei aos meus antigos contactos em Praha um antigo colega de curso, talentoso no desenvolvimento de bases de dados, para um projeto da Česká pojišťovna. Mais tarde, conseguimos encontrar parceiros na Chéquia que utilizavam o produto de Martin, um sistema de gestão de conteúdos baseado em .NET, e fazíamos adaptações à medida para vários clientes dessa empresa checa. Mas a minha atividade em Praha voltou a ser interrompida pela doença. Tive novamente de dar entrada no hospital de Nitra, onde procuraram recompor-me. A sucessão de fracassos era simplesmente demasiado para mim. Não tinha um sentido para a vida, nem uma relação amorosa com significado e em que visse um verdadeiro futuro, e isso refletia-se num estado psicológico muito mau. Desta vez, porém, o internamento não chegou; tive ainda de passar três meses em Zálužie, perto de Nitra. Quando conseguiram pôr-me mais ou menos de pé, comecei a procurar trabalho. Aos poucos, fui deixando o negócio nas mãos de Martin.

23 Infostat e o projeto para o Eurostat

No início do verão de 2009, comecei, pela primeira vez na vida, a trabalhar na Eslováquia com um contrato de trabalho por conta de outrem, como programador de bases de dados no Infostat. O Infostat era uma organização semipública ligada ao Serviço de Estatística da República Eslovaca. Comecei por trabalhar num projeto de indicadores estatísticos consolidados. Aos poucos, porém, fui transferido para um projeto que o Eurostat, ou talvez diretamente a Comissão Europeia, encomendara às suas organizações parceiras através de uma espécie de financiamento. A ideia era o Eurostat tornar mais eficiente o funcionamento dos serviços de estatística dos vários países. Criaram um formato para dados estatísticos, o SDMX, e encarregaram várias empresas, por toda a União Europeia, de desenvolver ferramentas que comunicassem nesse formato.

O nosso projeto tinha por objetivo averiguar se seria possível adaptar os recursos SDMX existentes para permitir também a recolha de microdados, por exemplo, de dados resultantes do preenchimento de formulários estatísticos. O Infostat recebera o financiamento porque, no passado, desenvolvera um sistema de questionários para microformulários estatísticos: recolha de dados diretamente junto dos respondentes, empresários ou particulares. Quando fui transferido para o projeto, os seus responsáveis estavam um pouco desesperados: até então, ninguém conseguira descobrir como ligar a norma SDMX aos formulários.

Pouco depois, fizemos a primeira viagem de serviço ao Luxemburgo. Foi toda a equipa que, de alguma maneira, participava no projeto. O objetivo da deslocação era finalmente avançar na resolução do problema e encontrar uma solução. Depois da discussão no Eurostat, ficou claro que não nos ajudariam muito a resolvê-lo. Quando regressámos, uma colega que também estivera na viagem fez uma coisa simples. Com base num dos artefactos XSD do SDMX, criou um ficheiro que descrevia um formulário de maneira rudimentar. Dividiu o formulário inteiro numa tabela, em cujas células colocou os vários campos. Ao ver aquilo, ocorreu-me que seria possível construir, a partir dessa descrição, um sistema simples que gerasse um formulário eletrónico e permitisse recolher dados. Era, no fundo, uma solução muito rudimentar para a recolha de microdados através do SDMX. Fazíamos uma utilização pouco prática do SDMX, para a qual não tinha sido concebido; aquilo coxeava das duas pernas. Mas, se queriam que usássemos uma chave de fendas para pregar um prego, tínhamos-lhes feito a vontade. Montei um sistema desses com bastante rapidez, e ninguém podia dizer que não tínhamos cumprido a tarefa. Quando, mais tarde, o mostrei a outras pessoas numa conferência de SDMX, creio que em Göteborg, limitaram-se a rir: sim, estávamos curiosos para saber como tinham resolvido o problema, mas provavelmente não receberão o Prémio Nobel por isto. Graças às fortes ligações «políticas» que o responsável pelo projeto tinha no Eurostat, o projeto acabou por ter continuação. Nessa segunda fase, já era eu quem o dirigia. O que fiz foi ligar o meu sistema de formulários, em linha, à infraestrutura SDMX, utilizando os pacotes de software que tinham sido desenvolvidos para esse formato. Consegui até que Martin e outras pessoas próximas de mim me ajudassem oficialmente no projeto, mediante remuneração. Com a ajuda de Martin, reformulei o sistema de formulários segundo uma arquitetura mais moderna e acrescentei a ligação à infraestrutura SDMX. O resultado foi um sistema universal de formulários ligado ao SDMX. O trabalho no Infostat era muito mal pago, mas poder envolver desta forma colaboradores externos próximos de mim compensava um pouco o salário miserável. Mais tarde, Martin retribuiu essa ajuda, empregando-me ele a mim. Ao poder decidir para onde iria o dinheiro do projeto, senti o cheiro das tentações que uma posição dessas traz consigo. O meu desempenho foi apenas mediano, mas, olhando agora para trás, a experiência deu-me uma lição muito valiosa: nestas situações, é preciso estar particularmente atento ao autocontrolo, porque se resvala com relativa facilidade. Algumas coisas só agora, passados mais de treze anos, as compreendi. A lição mais preciosa foi perceber que uma reforma social não pode assentar na moralidade ou na falta dela de uma única pessoa. Tem de ser concebida de maneira a funcionar suficientemente bem mesmo com pessoas de perfil moral relativamente mais fraco a concretizá-la. Ainda que a figura central da transformação social fosse um modelo de moral e justiça, poderia facilmente deixar de estar presente de um dia para o outro. Apesar disso, a transição deveria continuar com a mesma qualidade, mesmo nas mãos de pessoas muito mais vulneráveis às várias seduções do mundo.

24 A longa viagem de regresso do Luxemburgo

A última reunião de encerramento do projeto, no Luxemburgo, foi uma aventura extraordinária. Subestimei a margem de tempo necessária antes da partida e, além disso, o motorista do Infostat enganou-se numa saída à chegada ao aeroporto. Perdi o voo. Não sabia o que fazer. Pareceu-me mais viável pagar outro voo, que me custou 500 EUR do meu próprio bolso. A tensão foi tanta que provavelmente entrei numa ligeira psicose, porque voltei a viver certas coisas de forma excessivamente intensa. Na sala de embarque, algumas pessoas esperavam o voo para Amesterdão, onde eu teria de fazer escala. Havia um grupo de pessoas negras. Havia também um rapaz branco com a cabeça rapada. Não sei até que ponto estava a ver aquilo objetivamente, mas o racismo parecia jorrar-lhe dos gestos. A presença das pessoas negras incomodava-o visivelmente. Pensei na maneira como ele via a situação e procurei pôr-me no seu lugar. Penso que as pessoas brancas que, na sua cultura, não contactaram frequentemente com esta forma de diversidade têm, por natureza, uma certa resistência interior ao contacto com pessoas de outra cor de pele. Uma diferença muito acentuada, sobretudo quando não estamos habituados a ela desde que nascemos, desperta sentimentos negativos. Mas é para isso que cada pessoa tem a sua própria cabeça: para não acolher interiormente preconceitos tão primitivos. Para não se deixar guiar pelo seu primeiro sistema de sinalização, para se controlar. A vida humana é atravessada, de ponta a ponta, pela necessidade de dominar positivamente os sentimentos. Se todos exteriorizássemos de imediato tudo o que sentimos, a civilização desmoronar-se-ia numa semana.

Ao ver aquele rapaz de cabeça rapada tão inquieto, fiz algo que aumentou drasticamente o seu desconforto. Abri uma garrafa de chá gelado e bebi diretamente pelo gargalo. Logo a seguir, ofereci a mesma garrafa ao homem negro ao lado de quem estava sentado. Ele recusou a bebida, mas suspeitei que tivesse percebido a razão do meu gesto. Agradeceu-me gentilmente e sorriu. O rapaz de cabeça rapada quase explodiu ali mesmo ao ver-me oferecer a um homem negro bebida da minha própria garrafa. Durante algum tempo, diverti-me com a desorientação que lhe provocara e, depois, entrei no avião. Desembarquei em Amesterdão, onde tive de esperar pelo voo para o Luxemburgo.

No aeroporto de Schiphol, em Amesterdão, passei cerca de duas horas sentado numa pizzaria. Andava por ali à minha volta uma aventureira, talvez local, talvez internacional, com aspeto de hospedeira de bordo, a quem eu claramente agradava. Durante algum tempo, até perceber que dali não vinha nada, foi-me enviando toda a espécie de sinais de sedução. Ao tentar pôr-me no lugar dela, tive a impressão de que costumava abordar homens no aeroporto para encontros de uma só vez e de que isso lhe dava bastante prazer.

Quando cheguei ao Luxemburgo, instalei-me no hotel que já conhecia bem e preparei-me para segunda-feira. Durante toda a segunda-feira, voltei a estar extremamente sensível a tudo. Na apresentação final, mostrei o que tinha desenvolvido: um sistema completo de questionários, com um questionário concreto como exemplo de utilização possível. Estava também ligado às ferramentas SDMX existentes, pelo que os dados podiam ser disponibilizados em SDMX logo após a recolha. Tentei pôr-me na pele de todas as pessoas com quem falei nesse dia. Suspeito que isso se devesse notar de alguma forma, porque tal comportamento provavelmente não era normal.

A viagem de regresso foi uma aventura ainda maior do que a de ida. Houve novamente problemas com os voos: em Amesterdão, não chegámos a tempo do voo para Viena. Durante o voo do Luxemburgo para Amesterdão, sentei-me ao lado de um irlandês. Também procurei intensamente pôr-me no lugar dele; interessava-me a história daquele desconhecido que encontramos num avião. Ele sentiu, evidentemente, que se passava alguma coisa do meu lado, porque, ao fim de algum tempo, meteu conversa comigo. Era um bancário da UBS. Passou a maior parte do tempo a falar-me das filhas, a dizer que tinha pouco tempo para elas. Como se sentisse que tinha de se justificar perante mim. Depois de chegar a Amesterdão, tive de passar lá a noite por ter perdido a ligação para Viena. Dormi talvez três horas num hotel perto do aeroporto. Às cinco da manhã, estava de volta ao aeroporto, à espera da partida para Viena. Quando cheguei a Schwechat, senti que estava novamente muito agitado. Reparei num painel com os horários dos comboios para Viena. Em vez de ir para Bratislava, segui para Viena, simplesmente porque me pareceu uma boa ideia. Almocei num bom restaurante. Não me apetecia pensar na maneira de chegar a Bratislava, por isso pedi que me chamassem um táxi, que me levou até ao Infostat, onde o meu pai foi buscar-me. Quando chegámos a Nitra, os meus pais perceberam rapidamente o que estava outra vez a acontecer e levaram-me para o hospital. Foi o último surto de esquizofrenia que tive. Desde aquele setembro de 2012 até hoje, o problema nunca mais se repetiu.

Depois de concluída a segunda continuação do projeto, o Infostat não voltou a obter financiamento, talvez por faltarem as ligações políticas certas que o anterior responsável pelo projeto no Infostat tinha. Porque, quanto ao resultado, estava um nível acima do primeiro projeto. Simplesmente não consegui valorizá-lo suficientemente perante as pessoas do Eurostat. Terminado o projeto, como não tinham outro trabalho para mim, despacharam-me rapidamente do Infostat, felizmente com uma indemnização.

25 O trabalho numa empresa que vendia robôs de forex

Depois de sair do Infostat, Martin propôs-me ajudá-lo no desenvolvimento de um sistema informático para um dos seus clientes. Tratava-se de um projeto através do qual se vendiam os chamados robôs de forex. Alegadamente, os robôs exploravam diferenças de arbitragem de curta duração que surgiam nos mercados cambiais.

O forex é um mercado em que se negoceiam pares de moedas. Por outras palavras, o cliente de Martin afirmava ter desenvolvido algoritmos capazes de ganhar dinheiro através da realização de operações com pares de moedas nos mercados cambiais.

Examinado mais de perto, o modelo da empresa tinha elementos que faziam lembrar um esquema em pirâmide. Sobretudo depois de eu ver como o marketing multinível estava ali desenvolvido. Quando contei a Tibor como aquilo funcionava, condenou o projeto de imediato. O negócio durou relativamente pouco: certas autoridades estatais checas puseram-lhe fim. A mim convinha-me ter um trabalho que pudesse fazer a partir de casa. Nessa altura, já tinha esclerose múltipla avançada; não podia apresentar-me num sítio qualquer e pedir trabalho, porque só podia trabalhar inteiramente a partir de casa, o que, então, ainda não era tão habitual como passou a ser depois da COVID.

Por isso, dava-me por satisfeito com o que tinha e mantinha-me discreto, na esperança de que tudo acabasse de forma razoável. Algures em 2016, Martin e eu desentendemo-nos por causa de algumas coisas, e fiquei sem trabalho.

26 Apoio à compra de um automóvel

Foi uma altura em que começava a ser evidente que provavelmente acabaria numa cadeira de rodas. Enquanto tratava do cartão de pessoa com deficiência grave, soube que era possível pedir um apoio bastante elevado para comprar um automóvel destinado às deslocações para o trabalho, desde que a pessoa estivesse empregada. Havia, porém, uma condição: o património, excluindo a casa onde vivia, não podia ultrapassar os 30 000 EUR. Eu não cumpria esse requisito. Mas ninguém o verificava de maneira nenhuma. Quando ponderei se devia pedir o apoio, não tinha qualquer trabalho estável, e parecia-me que, se as coisas continuassem assim, o meu património acabaria por diminuir até ficar abaixo daquele limite. Também tinha em conta que a pensão de invalidez certamente não chegaria para pagar uma instituição com cuidados permanentes, de que provavelmente precisaria no futuro, quando os meus pais já não pudessem cuidar de mim. Depois de pesar tudo, concluí que seria mais sensato pedir o apoio.

Passei a trabalhar na empresa de um antigo colega de escola e recebi o apoio. Afinal, o agravamento do meu estado foi tão rápido que o automóvel com comandos manuais praticamente não me serviu para nada. Eu não conseguia entrar nele sozinho. A compra acabou até por se revelar um passo inteiramente negativo, que quase custou a saúde ao meu pai: não estando habituado à caixa automática, uma vez deixou o carro mal imobilizado, e este pôs-se em movimento e atropelou-o. Felizmente, sem consequências. Perante isto, em setembro de 2023 preferi devolver ao Serviço dos Assuntos Sociais e da Família o dinheiro que recebera como apoio.

Entre 2016 e 2019, não tive energia para trabalhar; precisei de aprender a viver com a minha enorme limitação. Quanto ao dinheiro, como passara a viver com os meus pais numa casa em Cabaj que compráramos em conjunto, precisava de muito pouco para o dia a dia. No essencial, a pensão de invalidez e o rendimento do arrendamento do apartamento chegavam para cobrir as despesas.

27 O trabalho para grandes empresas

Ao longo de 2019, consegui recompor-me mais ou menos da minha nova condição de saúde: a esclerose múltipla destruíra-me completamente as pernas, e estava numa cadeira de rodas desde 2017. Passáramos a viver na aldeia, num ambiente tranquilo, numa bela moradia térrea. A casa tinha também um jardim de 900 metros quadrados, de que os meus pais começaram a cuidar exemplarmente. Algures em 2019, comecei a trabalhar de forma sistemática no Dinheiro Visível. Pelas conversas com Tibor, sabia que tecnologias utilizava na sua empresa. Decidi usar o mesmo conjunto de tecnologias, para que pudéssemos eventualmente complementar-nos mais tarde, se fosse preciso. A única diferença era a base de dados: aí utilizei, naturalmente, Oracle, com o qual tinha vinte anos de experiência. Para o backend, usei a framework FastAPI de Python, que então era uma novidade, mas parecia promissora. Para os frontends, usei VUE.js. A primeira versão só incluía o registo de utilizadores.

Durante 2020, comecei a procurar trabalho. Em março de 2021, tive uma entrevista para um grupo empresarial italiano que fornecia registos de crédito a vários países, à escala global. Tinham uma unidade de desenvolvimento na Eslováquia. A entrevista correu bem e, a partir de abril de 2021, voltei finalmente a ter trabalho. E não era um trabalho qualquer: era remunerado ao preço de mercado de um programador sénior independente. Com as minhas despesas de vida, praticamente cobertas pela pensão de invalidez, isso significava poupanças mensais relativamente elevadas.

Sabia facilmente como empregar o dinheiro: alguém poderia ajudar-me com o Dinheiro Visível. Num fórum de programadores VUE, consegui encontrar vários candidatos que teriam disponibilidade e capacidade para ajudar. Entre eles, um indiano que me surpreendeu: não fez exatamente a tarefa que lhe propus, mas fez algo diferente, afirmando que era melhor do que aquilo que eu pedira. Ao refletir sobre a solução, tive de reconhecer que tinha razão. O vencedor da seleção era, portanto, evidente.

Abhishek — era esse o seu nome — trouxe um contributo palpável desde o primeiro momento. Ajudou-me a compreender e a resolver alguns problemas técnicos que tinha no projeto. O desenvolvimento está organizado de forma a decorrer numa máquina virtual Linux, com tudo o que é necessário previamente instalado. Uma máquina virtual é uma espécie de computador independente dentro de outro computador, em que a máquina e o seu comportamento são, na verdade, emulados. Qualquer pessoa pode copiar facilmente essa máquina virtual e começar logo a trabalhar, sem precisar de instalar mais nada. Como o meu financiamento era relativamente generoso, Abhishek trouxe mais dois indianos, pelo que, no total, eram três a trabalhar no projeto.

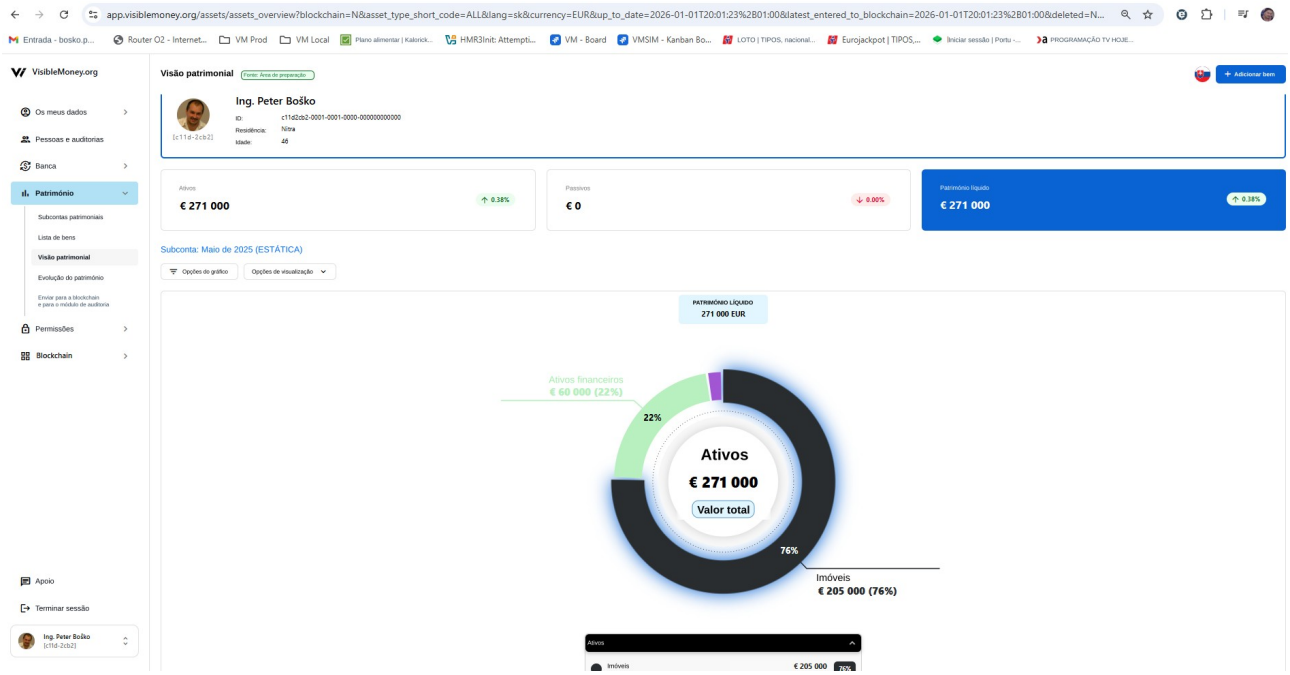
Um trabalhava a tempo inteiro, e os outros dois tinham também outro emprego. Assim, o desenvolvimento dos frontends avançou com relativa rapidez. Eu conseguia, a par do meu trabalho, ocupar-me da base de dados e do backend. No emprego, aprendi muitas coisas: os

italianos tinham certos aspetos desenvolvidos como em nenhum dos lugares onde trabalhara antes. Por exemplo, para garantir a qualidade do código, tinham criado algo chamado Test Tool.

Era uma aplicação para testar automaticamente o software fornecido. Antes de um teste, permitia carregar na base de dados os dados necessários, a partir de ficheiros que conseguia criar segundo determinadas regras. O primeiro passo de um teste automatizado desse tipo era, portanto, carregar esses dados. O passo seguinte podia ser executar a funcionalidade a testar e, no fim, depois de concluída a parte principal do teste, a aplicação examinava a base de dados. Dispunha de uma instrução SELECT, que executava sobre a base de dados, comparando o resultado com o estado esperado. Se estivesse tudo em ordem, o teste era assinalado como bem-sucedido; caso contrário, era preciso investigar onde estava o problema. Como a aplicação permitia executar automaticamente conjuntos inteiros de testes, era uma ajuda importante para a empresa na garantia da qualidade do código. Antes de instalar a versão mais recente da aplicação num cliente, executavam-se assim milhares de testes automáticos no fim de semana anterior. Na sexta-feira à noite, iniciava-se o processo e, na segunda-feira de manhã, verificava-se tudo o que não correra bem. Se todos os testes passassem, ficava praticamente garantido que tudo funcionava como devia.

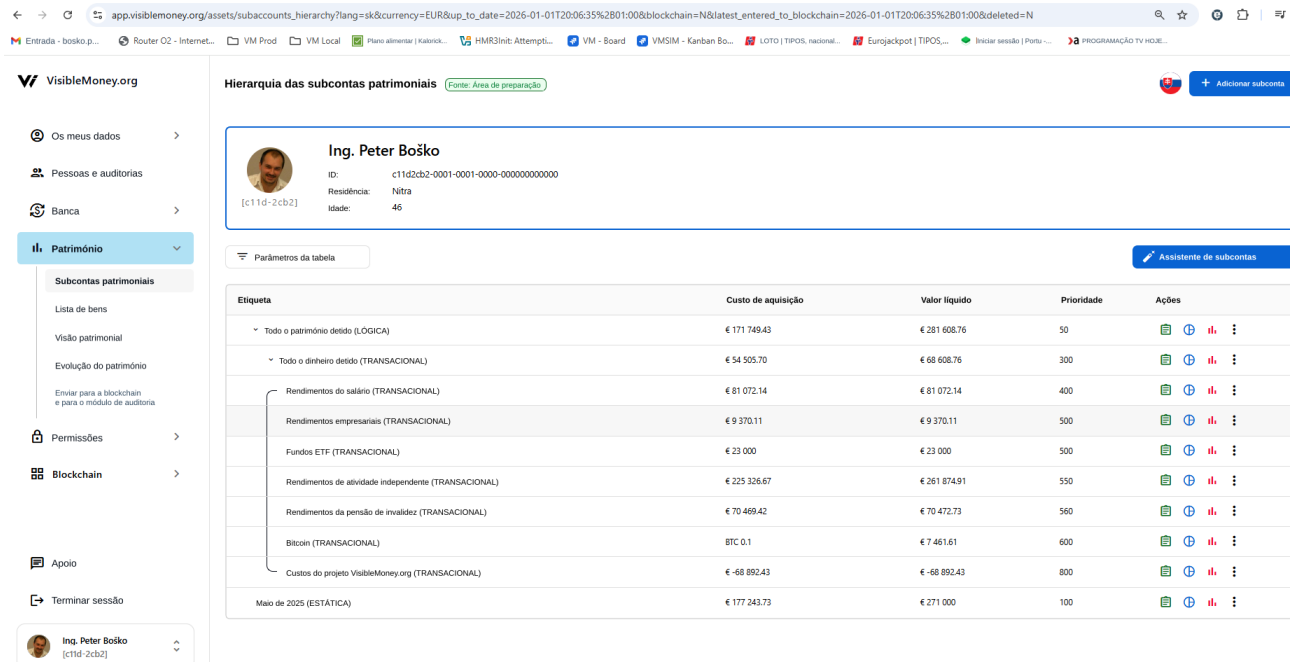
28 Apresentação do projeto Dinheiro Visível na sua forma atual

O projeto procura aumentar a transparência dos fluxos patrimoniais e financeiros na sociedade. Na sua forma atual, permite criar uma declaração patrimonial, que pode ser estática, limitando-se a enumerar os bens de uma pessoa num determinado momento. A aplicação está disponível, à distância de um clique, no endereço https://viditelnepeniaze.sk ou diretamente em https://app.visiblemoney.org/?lang=sk.

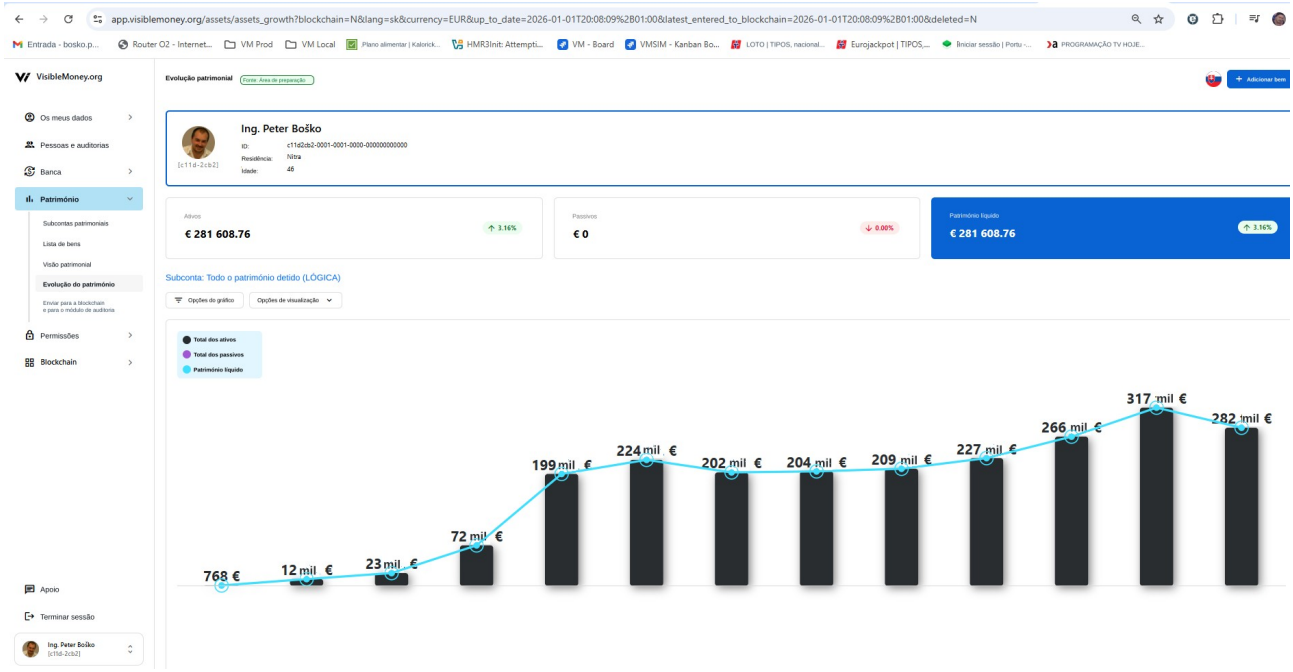


A minha declaração patrimonial estática no projeto, em maio de 2025

Também é possível criar no projeto uma declaração patrimonial aprofundada, que acompanha a evolução ao longo do tempo e permite perceber, por exemplo, quanto uma pessoa ganhou em operações com imóveis ou outros tipos de património. Fica assim visível, em pormenor, como o património chegou ao seu nível atual.



Estrutura das minhas subcontas patrimoniais na aplicação, na declaração patrimonial aprofundada

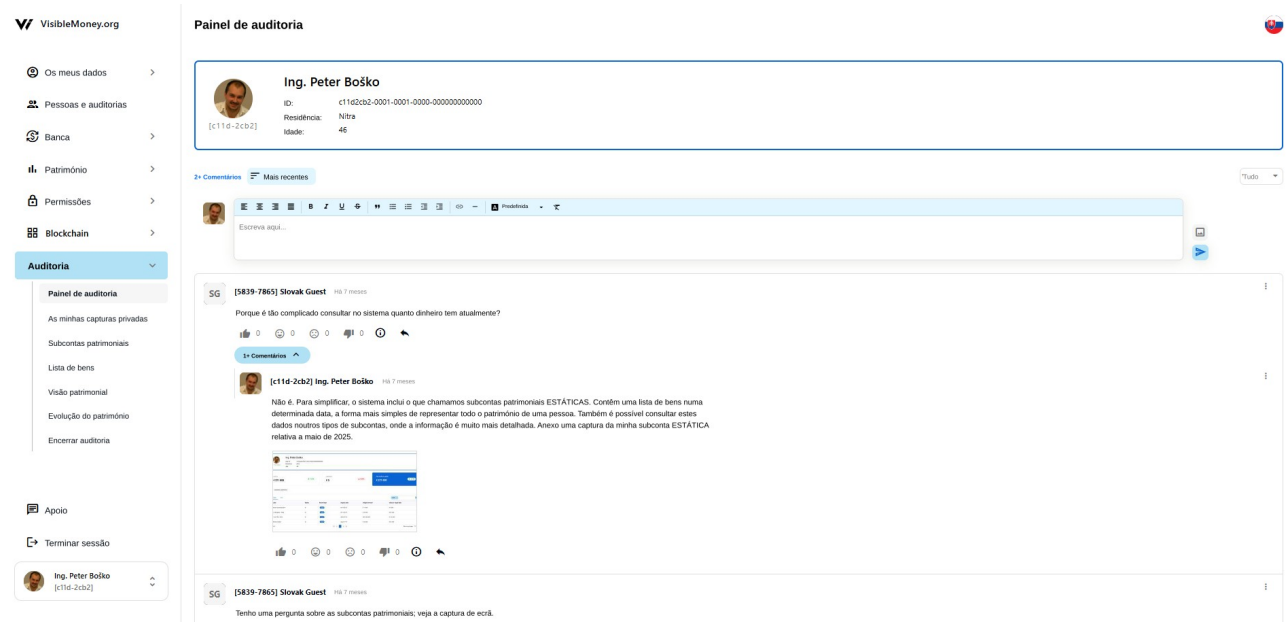


Crescimento do meu património na aplicação ao longo do tempo, de 1998 a 2025

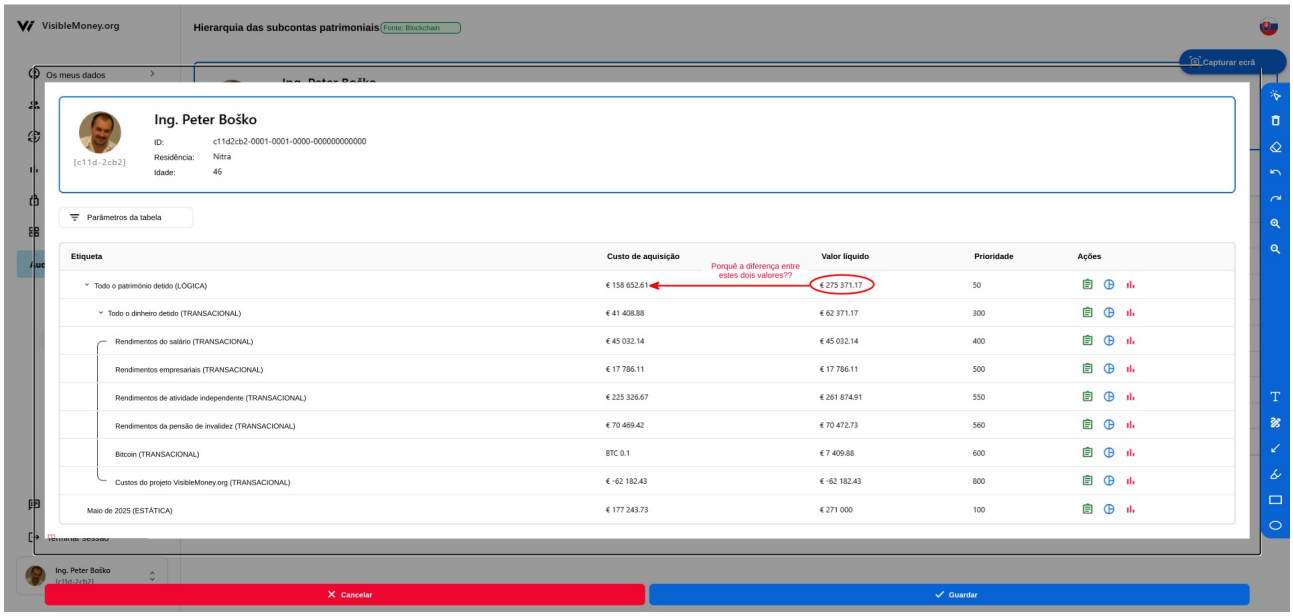
Uma componente igualmente importante das funcionalidades do projeto é a chamada auditoria. A auditoria permite que outros membros do projeto consultem os dados patrimoniais de um utilizador. Quem tem direito a essa consulta pode ser definido pelo grau de transparência que a pessoa escolher no projeto: desde a ausência de transparência, passando pela transparência mediante pedido e pela transparência através de um terceiro — o chamado auditor público —, até à transparência total. Na transparência mediante pedido, quando alguém solicita acesso aos dados de um utilizador, este tem de aprovar expressamente o pedido; só depois disso os dados são disponibilizados. Na transparência através de um auditor público, o pedido de auditoria, acompanhado de uma descrição, chega a uma terceira

pessoa, encarregada de responder a essas solicitações. Cabe-lhe estudar a documentação, realizar a auditoria aos dados e comunicar por escrito o resultado a quem a solicitou. A transparência total significa que qualquer utilizador verificado da aplicação tem direito a auditar os dados de outro utilizador. Outro elemento que pode limitar quem vê os dados é uma opção que restringe o direito de auditoria a utilizadores cuja identidade tenha sido verificada através de um documento, como um cartão de cidadão, passaporte ou outro documento de identificação. É assim possível garantir que só quem atua em nome próprio pode auditar um utilizador.

A área da aplicação em que se realizam as auditorias inclui a funcionalidade do chamado mural de auditoria. Trata-se de uma espécie de mural na Internet, onde todos os utilizadores que tenham obtido acesso à auditoria podem publicar observações. No módulo de auditoria, a aplicação permite capturar uma imagem do ecrã atual e escrever comentários ou realçar informações nessa imagem. Depois, é possível publicar essas capturas comentadas no mural de auditoria do utilizador.



Mural de auditoria na aplicação



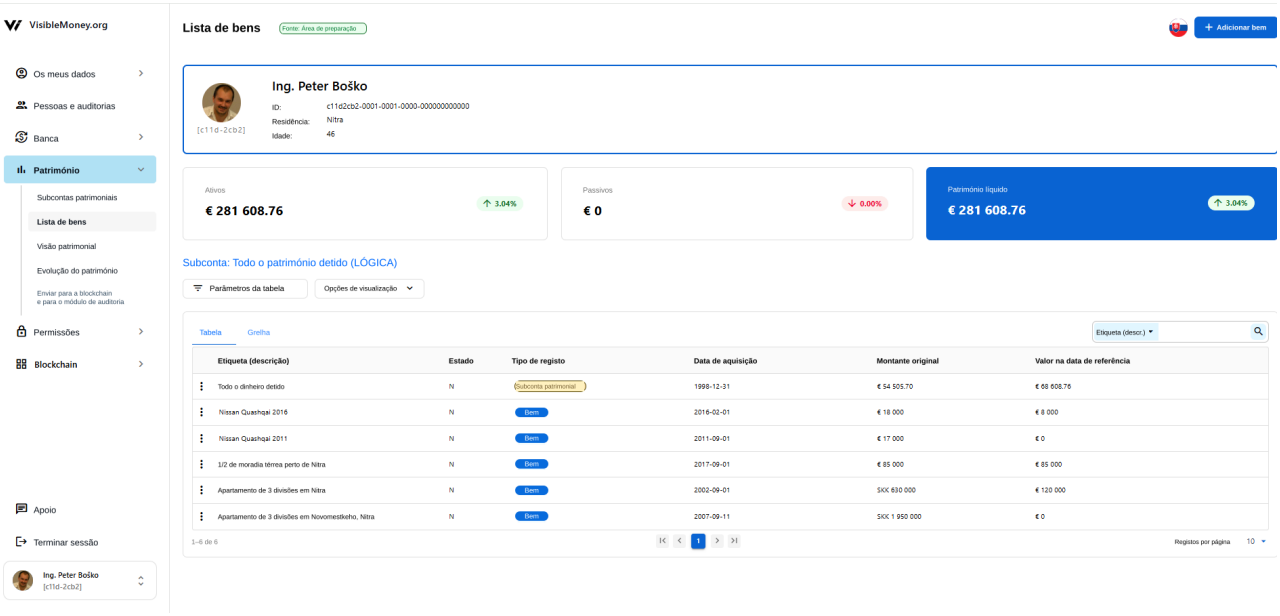
Módulo de auditoria da aplicação, que permite comentar dados individuais

29 A funcionalidade blockchain do projeto

Desde o início, o projeto tem sido construído com tecnologias e mecanismos de segurança que lhe permitam, potencialmente, assumir o papel de sistema central de liquidação da sociedade descrito por Walsch no seu livro. O papel da blockchain no sistema é garantir a autenticidade dos dados e impedir que, por exemplo, certos dados sejam simplesmente apagados ou alterados diretamente na base de dados. Enquanto tecnologia, a blockchain é uma base de dados em que, uma vez introduzida uma informação, esta fica lá para sempre, como se estivesse gravada na pedra. É tecnicamente impossível alterar retroativamente alguma coisa numa blockchain sem comprometer a integridade dos dados. Se isso acontecer na base de dados da blockchain, será detetado de imediato na primeira verificação.

Assim, todos os dados importantes do sistema entram no subsistema blockchain pouco depois de serem criados. Nesse subsistema, cada dado é convertido para uma forma textual, uma representação JSON dos dados. Em seguida, o valor de hash desse texto entra na blockchain. Para garantir a possibilidade de apagar dados em conformidade com o RGPD, não entram na blockchain os valores textuais completos dos dados, mas apenas os respetivos hashes SHA256. Se um utilizador disser que quer abandonar o projeto e que devemos apagar irremediavelmente os seus dados, podemos fazê-lo. Não precisamos de tocar na parte da blockchain, porque nela estão apenas os hashes dos valores, e não os valores em si. E os hashes, sem os valores originais a partir dos quais foram calculados — e que apagaremos —, não têm utilidade.

Quanto à forma como os dados são registados no sistema, importa ainda dizer que qualquer atualização, na componente blockchain, se faz através da criação, na base de dados, de uma nova versão do objeto em causa, acompanhada de uma marca temporal que indica quando isso aconteceu. Suponhamos, por exemplo, que alguém regista na blockchain, a 1 de janeiro de 2025, que comprou um carro por 50 000 EUR. E que, meio ano depois, altera o preço de compra para 80 000 EUR. O utilizador que o auditar poderá ver ambos os valores. Se realizar a auditoria sobre uma captura do estado dos dados feita a 1 de janeiro de 2025, verá o valor de 50 000; se a captura for de 1 de junho de 2025, verá 80 000 EUR. Ao introduzir dados, é preciso ter presente que, uma vez na blockchain, ficam lá para sempre.



Ecrã da lista de património

30 Proteção do projeto contra qualquer utilização abusiva antes de se tornar o núcleo da sociedade

Se o projeto der provas de tal modo que pareça sensato transferir para ele todo o funcionamento da sociedade, a abordagem ao projeto terá de ser reavaliada pelos maiores especialistas mundiais em segurança informática. Desde a forma como é desenvolvido, passando pela maneira como, por exemplo, os funcionários do backoffice consultam os dados do sistema, até à utilização que os programadores fazem de um cliente SQL sobre a base de dados em produção, quando investigam problemas.

Terá de vigorar a regra de que todas as consultas de dados são registadas ao nível do sistema, sem possibilidade de desativar esse registo. Quer se trate de uma auditoria realizada através das funcionalidades da aplicação, de uma consulta feita por um utilizador do backoffice ou de um comando SQL executado num cliente SQL sobre a base de dados em produção. O titular dos dados deverá poder tomar conhecimento, através da aplicação, de cada consulta efetuada aos seus dados.

Os procedimentos metodológicos para, por exemplo, investigar e corrigir erros na aplicação terão de incluir passos como a anonimização dos dados extraídos do ambiente de produção para esse efeito. Estou a trabalhar com a equipa no desenvolvimento de uma aplicação que permitirá exportar os dados de um utilizador de uma base de dados e importá-los, por exemplo, para um ambiente de testes, a fim de simular o estado do ambiente de produção. Uma ferramenta dessas tem de incluir mecanismos de anonimização dos dados extraídos muito bem desenvolvidos. Esse trabalho de transferência de dados para o ambiente de testes terá provavelmente de ser realizado por uma equipa específica, com procedimentos metodológicos claramente definidos.

Neste momento, não sou um especialista em segurança informática capaz de tirar imediatamente da manga, à primeira tentativa, todas as medidas necessárias para garantir a segurança. É precisamente por isso que digo que esta revisão da segurança do projeto tem de ser feita por especialistas. As medidas propostas deverão ser comentadas por outros especialistas e sucessivamente aperfeiçoadas até que todos concordem que o nível de proteção é suficiente, mesmo para um projeto desta importância.

Subestimar este passo pode conduzir a uma catástrofe de proporções bíblicas. Por isso, é absolutamente necessário insistir num consenso quanto ao nível de segurança e, em circunstância alguma, subestimar qualquer aspeto. A segurança do projeto deverá ser acompanhada e avaliada continuamente, de forma a incorporar todos os conhecimentos atualizados, em consonância com o estado mais recente da informática e do saber humano.

Os registos de consulta do sistema deverão ser verificados regularmente, bem como a legitimidade dos motivos que levaram ao acesso aos dados. Provavelmente, antes de se efetuar qualquer consulta, terá de ser cumprido algum procedimento burocrático que lhe confira legitimidade.

Não será certamente fácil estabelecer, de forma invulnerável, esses procedimentos e conjuntos de regras para trabalhar com os dados em produção no projeto. Mas não duvido de que, se as pessoas certas tomarem conta da tarefa, acontecerão milagres. Se um único indivíduo conseguiu conceber e concretizar algo como o Bitcoin, uma tarefa destas será, para os melhores especialistas, uma brincadeira de crianças em comparação com uma criptomoeda descentralizada.

Quanto à segurança da tecnologia blockchain após a eventual chegada dos computadores quânticos, numa altura em que estes talvez consigam calcular como teriam de ser certos dados para produzir um determinado hash, penso que o problema será facilmente resolvido através de vários hashes dos dados em causa. Em vez de um só hash, guardar-se-ão, por exemplo, três: para o valor Peter, calcula-se o primeiro hash a partir da cadeia Peter, o segundo a partir da cadeia Peter1 e o terceiro a partir da cadeia Peter2. O computador quântico talvez consiga descobrir como alterar a entrada para que o primeiro hash seja igual ao da cadeia Peter, mas já não encontrará maneira de a alterar de modo a obter simultaneamente os valores de hash correspondentes a Peter e a Peter1, porque provavelmente essa combinação nem sequer existe. Talvez seja possível calcular com exatidão quantos hashes são necessários para esgotar sempre, de forma fiável, as possibilidades da realidade e tornar impossíveis as combinações adequadas de hashes, simplesmente porque não existem.

31 As eleições presidenciais

No início de 2023, decidi aproveitar a oportunidade que se abria com as eleições presidenciais na Eslováquia, em fevereiro de 2024, e as eleições para o Parlamento Europeu, em junho de 2024. Não tinha qualquer hipótese de concluir o projeto a tempo das eleições legislativas do outono de 2023, até porque estas tinham sido inesperadas — eram eleições antecipadas.

Esperava conseguir convencer alguns candidatos honestos à presidência a divulgar os dados do seu património através da aplicação. No trabalho, estávamos precisamente numa fase de transição entre projetos e, como a empresa tinha alguma dificuldade em encontrar outra tarefa para mim, propus tirar uma licença sem vencimento de seis meses, para poder concluir o Dinheiro Visível e prepará-lo para as eleições presidenciais.

Do ponto de vista do negócio, as eleições presidenciais correram-me mal. Não consegui convencer ninguém a registar-se no sistema e a divulgar os dados do seu património. Durante algum tempo, conversei com alguém que julgo ter sido um assessor de Ivan Korčok, mas a conversa acabou por não dar em nada. Talvez até tenha sido melhor assim, porque, nessa altura, o aspeto gráfico da aplicação era pouco atraente e o seu funcionamento ainda deixava a desejar. No essencial, só era possível criar declarações patrimoniais estáticas: apresentar uma lista dos bens detidos num determinado momento.

Depois dos meses de pausa no trabalho, chegou a altura de regressar ao serviço dos italianos. Descobri, porém, que tinham ocorrido alterações nos projetos e que não havia trabalho para mim, apesar do que tínhamos combinado. Tive, por isso, de começar a procurar emprego noutro sítio. Ao fim de cerca de seis meses de procura, consegui entrar noutra empresa multinacional, para trabalhar num sistema bancário, também como programador sénior de Oracle, especializado em bases de dados.

Em contrapartida, o próprio projeto deu um enorme salto em frente. Consegui encontrar uma boa designer, que tornou o sistema mais humano. Finalmente, tinha o aspeto que devia ter. Introduzi também alterações funcionais que permitiram um registo mais rigoroso do património e a criação não só de uma declaração patrimonial estática, mas também de uma declaração aprofundada, na qual se podiam consultar dados como, por exemplo, quanto uma pessoa tinha ganho com negócios de imóveis que já não possuía. Acrescentei ainda a possibilidade de registar operações com criptomoedas e de acompanhar, ao longo do tempo, a evolução e o pagamento de um crédito à habitação, por exemplo. Em maio de 2025, a aplicação tinha finalmente chegado a um ponto em que já não havia, de facto, motivo para me envergonhar dela.

Quanto às atividades de marketing, comecei a enviar spam sobre a existência do projeto e a sua missão, por exemplo, aos deputados do Parlamento Europeu. Creio que o Parlamento Europeu tem mais de 700 membros. Dos 700 emails enviados, cerca de 6 eurodeputados clicaram na ligação para a página. Dois assessores de eurodeputados chegaram mesmo a responder-me. Sobre um deles, li que tinha tendências pró-russas; não queria ter nada a ver com uma pessoa assim. O outro, um eurodeputado checo, desejou-me muito êxito com o projeto, mas, quando o convidei a fazer a sua declaração patrimonial no sistema, a comunicação acabou por se perder.

32 Ambições políticas

Comecei a perceber que o projeto não tinha hipótese de crescer se eu próprio não desse o exemplo e mostrasse aos outros como se deve, na verdade, fazer política com honestidade: com bom senso, com transparência total e, por último, mas não menos importante, à escala global.

Decidi, por isso, fundar, para já pelo menos informalmente, um partido político assente nesses três pilares.

Primeiro pilar — o bom senso

O primeiro pilar está expresso num documento que descreve a posição do novo partido perante as várias questões sociais que se encontram atualmente em debate. Sobre algumas das ideias ali expostas, passei a vida inteira a refletir. Procurei colocar nessas teses toda a sabedoria que fui recolhendo ao longo da vida. Não creio que seja possível abordar essas questões de forma mais sensata do que a apresentada no documento. Tenho em conta, por exemplo, que há assuntos sobre os quais um comum mortal simplesmente não tem condições para decidir de forma acertada sem uma estrutura de apoio. Proponho, por isso, a criação de um conselho planetário responsável pelas questões éticas da convivência humana que, à primeira vista, parecem difíceis de resolver. Os pareceres desse conselho deveriam ser vinculativos para todos os governos do mundo. Se um conselho assim chegar a acordo sobre alguma coisa, a sua avaliação será muito mais competente, sustentada por todo o peso e por todos os meios de que dispõe; será, além disso, imparcial e objetiva, livre de qualquer populismo. Uma questão que eu próprio colocaria a esse conselho seria, por exemplo, se é ou não adequado, e em que condições, permitir que pessoas com outra orientação sexual adotem uma criança.

Nenhum político pode decidir sensatamente uma coisa destas, sentado à secretária. Elaborar uma metodologia que determine quando e em que circunstâncias se deve permitir ou não que casais do mesmo sexo adotem uma criança exige um estudo aprofundado de um grande número de casos em que a adoção correu bem e de outros em que correu mal. Só depois de estudar muitos desses casos, bem-sucedidos e malsucedidos, será possível definir uma metodologia que indique como proceder em cada circunstância. Esse processo pode incluir uma avaliação psicológica e sexológica dos potenciais pais, e até diversos procedimentos demorados, que poderão não ser agradáveis para os candidatos à adoção. Mas, se o interesse desse casal em constituir uma família quase plenamente realizada for sincero e sério, não terá dificuldade em submeter-se ao processo. Um político decidir de forma intuitiva, sentado à secretária, que alguém não tem direito a uma família plena apenas por causa da sua orientação sexual é sinal de uma simplificação primitiva e de um populismo que não têm lugar numa sociedade moderna.

Outro exemplo de uma abordagem pouco convencional é a posição perante os migrantes e a migração. Penso que a sorte de nascer numa região desenvolvida do mundo não traz apenas direitos, mas também deveres. Entre esses deveres está o de, a partir da nossa situação confortável, estender a mão a outro ser humano que precise de ajuda. Os problemas associados aos migrantes, como a sua fraca integração na sociedade, serão facilmente resolúveis graças ao Dinheiro Visível. Um migrante encontra-se no novo país na condição de hóspede e tem de respeitar as regras do seu novo lar. Caso contrário, o país de acolhimento reserva-se o direito de o recusar. Uma dessas regras poderá ser, por exemplo, a exigência de

que os migrantes fiquem sujeitos ao grau mais rigoroso de transparência financeira no Dinheiro Visível. Isso significaria que todas as transações económicas dessa pessoa estariam sob o olhar atento de quem a rodeia. No momento em que comprasse uma espingarda de pressão de ar para atirar aos pardais, as pessoas à sua volta levantariam a voz e ele teria de dar explicações. Os migrantes acompanhados desta forma seriam os melhores migrantes do mundo.

Os restantes argumentos a favor da migração, como a diminuição da população, são conhecidos. Mas não pretendo invocá-los, porque penso que o planeta, sobretudo depois de a ciência resolver a questão da imortalidade humana, enfrentará o problema oposto ao declínio populacional. Se as pessoas deixarem de morrer de doença ou de velhice, o planeta terá de lidar com a sobrepopulação, não com a falta de gente.

Segundo pilar do partido político — a transparência forte

O segundo pilar, a transparência forte, dependerá em grande medida do projeto Dinheiro Visível. Cada membro do novo partido terá de elaborar no projeto uma declaração patrimonial aprofundada, que deverá ser validada por toda a população ou, pelo menos, por pessoas credíveis do meio do político. Creio que, se o projeto der provas do seu valor, fará sentido considerar legislação que obrigue os políticos em funções públicas a manter os dados do seu património atualizados no projeto. Além disso, os políticos deveriam permanecer no projeto durante toda a vida, incluindo depois de abandonarem a política, para que se pudessem detetar eventuais fluxos patrimoniais irregulares, mesmo que só ocorressem após a sua saída. O objetivo do projeto a longo prazo é envolver todas as pessoas, não apenas os políticos, pois só assim se manifestarão plenamente os seus efeitos. No entanto, pelo menos de início, uma proposta destas não encontrará compreensão junto de muita gente. Primeiro será necessário comprovar os seus efeitos positivos. Os políticos e as pessoas pagas com dinheiro público são a primeira escolha evidente para esse teste, porque é neles que uma incorruptibilidade demonstrável mais importa. É claro que, no início, o projeto terá muitos defeitos e limitações, mas espero que a minha equipa esteja cá precisamente para os corrigir e fazer o projeto avançar na direção desejada.

Terceiro pilar — a dimensão global

Depois da globalização do comércio e da vida económica no planeta, chegou o momento de globalizar também a política. É uma vergonha que, numa época em que a humanidade conseguiu digitalizar a cognição através da criação da inteligência artificial, ainda não tenhamos uma representação política formal do planeta como um todo. A Organização das Nações Unidas praticamente não dispõe de poderes políticos reais e, graças a essa falta de autoridade, os políticos dos vários países fazem o que querem. É vergonhoso que, no século XXI, ainda existam guerras entre nações ou entre grupos da população.

Uma força política moderna que procure unir a humanidade deveria funcionar segundo princípios semelhantes aos das empresas globais, como a McDonald's. Tal como, numa sede da McDonald's, se desenvolvem produtos que depois são vendidos em todo o mundo, também um partido político global deveria ter uma sede onde se concebessem os melhores produtos políticos possíveis. Essa sede assumiria como sua cada questão da atualidade que exigisse uma resposta e prepararia a melhor solução possível,

guiada pelo bom senso e por uma abordagem objetiva e rigorosamente contrária ao populismo. Uma vez que os políticos locais do partido, em cada país, ficariam vinculados à posição da sede na sua atuação política, a tentação do populismo e da improvisação indesejada seria contida. Se existe um problema no mundo, uma equipa dos melhores especialistas nessa área deveria reunir-se para determinar como resolvê-lo. Essa equipa deveria apresentar sempre a solução mais sensata possível, que seria vinculativa para os políticos locais. Eliminar-se-ia assim a necessidade de estar constantemente a reinventar a roda: a nível local, adotar-se-iam simplesmente as orientações da sede sobre a forma de resolver os problemas. E essas soluções teriam sido concebidas pelas melhores mentes do planeta na matéria em causa. Sem populismos indesejados e sempre de acordo com o bom senso.

Mais tarde, quando as estruturas dos partidos políticos locais estiverem suficientemente desenvolvidas, a elaboração de uma posição comum passará da sede para uma espécie de conselho interno, composto pelos dirigentes das várias estruturas locais do partido. Será algo como um cérebro dentro do cérebro do planeta.

Esta forma de funcionamento do mundo é, no meu entender, aquilo a que se chama Nova Ordem Mundial. Nas teorias da conspiração, a Nova Ordem Mundial é descrita como uma espécie de ditadura sombria cujo objetivo é escravizar a humanidade. Na verdade, penso que é precisamente o contrário. A Nova Ordem Mundial é um novo modo de funcionamento da humanidade nos planos económico, social e político. Um modo em que a chave para uma convivência humana leal e justa é um sistema social assente nos fundamentos da democracia liberal e alargado a uma transparência quase total dos fluxos financeiros e patrimoniais. Julgo que esta mudança de organização é indispensável para que a humanidade possa desenvolver-se e continuar a crescer com relativa segurança, mesmo na era das tecnologias atuais.

33 Fragmentos do meu blogue pessoal

Diebus solitudinis

Dias de solidão, ou Nothing else matters.

Quando a clareza da tua própria mente te leva a agir claramente.

Quando estás só, como o pé esquerdo, sabes que algures existe o direito.

Somos gente à beira do rio; saberão isto há séculos a fio?

Um rio tem de ter duas margens. Entro nele nu, de bom grado.

Voltemos ao tempo em que a mãe da minha mãe me batizou. E pela fé a vida consagrou.

No templo, a dimensão desta perda, no fundo da alma, não a pagarei sem compensação.

A clareza impetuosa destes versos tece no coração uma fonte de água viva.

Em nome do Pai, do Espírito, do Filho — um olhar cristalino capta a verdade.

Nesse espelho tão límpido, as imagens tornam-se vida, sem dúvida.

E assim também Tu, neste instante, te tornaste vivo.

Katka Knechtová — Spomaľ — um diálogo invulgar

Ela: Em busca de algo lendário, rumo a jardins onde não há cruz.

Para onde corres assim, desvairado? Não consigo acompanhar-te.

Abranda — vais demasiado depressa, sinto essa velocidade apenas com o sexto sentido.

Tenho vertigens.

Apresso-me ao teu lado e já estou farta de multas desnecessárias.

Devo ter medo?

Ele: Não, minha querida, não tens de ter medo, de certeza.

Embora um pouco, talvez, não faça mal.

Está a nascer algo de uma beleza imensa.

Um país, ou talvez antes o mundo inteiro, onde já não haja dor.

Um mundo onde o ser humano respire livremente.

Um mundo onde o ser humano seja eternamente jovem.

Um mundo onde o ser humano faça aquilo de que realmente gosta.

Um compõe, outro distribui gelados na praça.

Um terceiro dedica a vida à educação dos filhos.

Para sentir melhor como o tempo voa.

Basta prometer, diante do altar, que com a mãe deles formará um casal exemplar até os filhos chegarem ao início da idade adulta.

Um mundo onde os valores deixaram de se medir em dinheiro, um mundo onde a felicidade humana é guardada com desvelo.

Onde já não exista doença, onde a humanidade se liberte da servidão.

Um mundo onde já não haja escassez, onde o ser humano gaste energia apenas no que verdadeiramente contém amor —

a família, a felicidade, a fé e aquilo que lhe dá sentido.

3 desafios fundamentais da humanidade de hoje e a minha resposta

3 desafios do nosso tempo aos quais decidi dedicar a minha energia. Da mudança das regras da sociedade, passando pela vida eterna, até ao progresso na ontologia do ser.

Desafio número 1 — Uma pequena alteração nas regras de funcionamento da sociedade, com um impacto profundo na eficiência da convivência humana: a introdução do Dinheiro Visível

Na minha vida profissional, sou programador. Na programação, é bastante comum, depois de criarmos uma funcionalidade para um cliente e de tudo funcionar como deve ser, voltarmos a pensar no problema como um todo — desta vez, porém, com toda a experiência que entretanto adquirimos — e, se as circunstâncias o permitirem, programarmos tudo de novo, agora com uma conceção muito mais sólida do que da primeira vez. Já sabemos, afinal, que dificuldades nos esperam ao resolver o problema, que exceções o sistema terá de saber tratar, e por aí fora. A esse processo chama-se refatorização. E a última pessoa que realizou esse processo de refatorização, com uma visão de conjunto do funcionamento da sociedade, foi Jesus Cristo, há 2000 anos. Passaram 2000 anos e, durante esse tempo, ninguém voltou a refletir sobre uma forma melhor, mais coerente, de fazer funcionar a sociedade humana. As palavras de Cristo — «Quem de entre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra» e «Tudo o que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho também vós» — representaram um avanço em relação aos dez mandamentos de Moisés, mas, desde o tempo do Nazareno, as regras da sociedade evoluíram mais ou menos por si mesmas. O que procuro dizer é que talvez tenha chegado a altura de, depois de 2000 anos a acumular experiência, ganharmos alguma distância e tentarmos conceber uma sociedade humana que funcione melhor. Encontrei pela primeira vez uma resposta à questão de como deveria ser a sociedade humana do terceiro milénio num texto do autor americano Neale Donald Walsch, no livro Conversas com Deus — Livro 2. Li-o em meados dos anos 90, quando a Eslováquia atravessava o período feroz do mečiarismo e da disputa pelo património que acabava de ser privatizado. A ideia, no essencial, é muito simples. Segundo o autor, nas sociedades desenvolvidas — isto é, naquelas em que ninguém quer nada à custa de outra pessoa —, o dinheiro é simplesmente totalmente transparente e visível. Por outras palavras, qualquer pessoa pode saber e verificar a qualquer momento quanto dinheiro tem cada um, que património possui, quais são os seus fluxos financeiros, e assim por diante. Como informático, percebi que isso seria concretizável através de um sistema bancário que contivesse essas informações e soubesse disponibilizá-las, funcionando, ao mesmo tempo, como centro de liquidação de toda a sociedade. Se lhe ocorrem mil razões pelas quais isso não poderia funcionar, experimente primeiro explorar https://viditelnepeniaze.sk, onde analisei a ideia por todos os ângulos, de um lado ao outro e de alto a

baixo. Pode também subscrever a newsletter com o seu email: para mim, essa subscrição é um indicador importante de até que ponto consigo, ou não, chegar ao público.

Para concluir, penso que a transição de toda a sociedade para um sistema financeiro transparente, no qual o dinheiro, o património e os respetivos fluxos sejam inteiramente visíveis, talvez não seja apenas algo capaz de melhorar o funcionamento da humanidade como um todo, mas até uma necessidade. Permitiria introduzir mecanismos de controlo nos pontos nevrálgicos da sociedade, cuja vigilância pode ser decisiva e cuja proteção o capitalismo clássico não contempla. O exemplo mais evidente que me ocorre é que, graças ao Dinheiro Visível, seria possível controlar muito melhor o que realmente fazem, por exemplo, os laboratórios biológicos capazes de desenvolver um novo vírus mortal.

Desafio número 2 — Progresso na medicina que permita curar todas as doenças, e até a velhice: alcançar a vida eterna

A maior oportunidade empresarial do nosso tempo, na minha opinião, não são os carros elétricos autónomos, mas algo que responde às necessidades de cada pessoa de uma forma muito mais pessoal e íntima do que um bem material atraente. O progresso de todas as ciências está a iluminar um caminho que, mais cedo ou mais tarde, se tornará realidade. Refiro-me ao progresso na medicina. Mas não apenas na cura das doenças. Da capacidade de curar qualquer doença à de reverter os processos biológicos do corpo humano vai apenas um pequeno passo: travar o envelhecimento, ou mesmo inverter a marcha do relógio biológico.

Como informático, vejo na resolução deste problema, que diz respeito a cada ser humano, um enorme campo de aplicação para as tecnologias de software. O problema da medicina é precisamente o retorno de informação. Na verdade, um médico nunca consegue dizer-lhe com 100 % de certeza como o seu corpo irá reagir a um medicamento. E muito menos que efeitos secundários terá se o tomar durante 10 anos seguidos. Os modelos informáticos do corpo poderiam resolver esse problema. Um modelo informático do corpo humano é um sistema capaz de calcular como uma determinada parte do corpo se comportará sob certas condições externas. Essa virtualização do corpo humano tornar-se-á o Santo Graal da medicina. A possibilidade de testar a reação do corpo a diferentes substâncias químicas ou tratamentos colocará nas mãos dos médicos uma ferramenta que lhes permitirá dominar perfeitamente cada célula do corpo humano.

Todas as pessoas se interessam profundamente pela sua própria saúde, e qualquer avanço nesta área será recompensado com um enorme sucesso empresarial. É até possível que se consiga alcançar a inteligência artificial geral mais depressa através da simulação da química e dos processos do cérebro humano do que pela construção de redes neuronais artificiais.

Para relacionar a conclusão deste desafio com o título do artigo, penso que, se conseguisse ganhar dinheiro suficiente com o primeiro passo para financiar a investigação do desafio 2, ainda que esta durasse várias décadas, seria possível concretizá-lo. Sei bem que empresários capazes aproveitarão esta oportunidade independentemente de mim; mas, se eu abordasse a questão de forma sistemática e com os olhos postos no objetivo, seria certamente possível encurtar o processo em alguns anos. Para as pessoas da minha geração, isso pode significar a diferença entre a vida e a morte. Corrijo: entre a vida eterna e a morte.

Penso que a ideia poderia concretizar-se num prazo de 20 anos, de modo semelhante ao que aconteceu com a leitura do genoma humano. Na viragem do milénio, estimava-se que ler o genoma de um indivíduo custasse mil milhões de dólares. Vinte anos depois, a sequenciação genética é feita comercialmente por 1000 euros. O que descrevo é uma tarefa uma ordem de grandeza mais exigente, mas que poderá ser realizada com tecnologias vinte anos mais recentes.

Desafio número 3 — Progresso na ontologia do ser: obter uma prova com 100 % de certeza de que o mundo exterior e as pessoas à minha volta são tão reais como eu — resolver o problema da solidão

Este desafio diz respeito a uma característica da vida e do ser que considero a maior maldição, mas também a maior bênção, do ser humano e da própria existência. Imagino que poucas pessoas compreendam bem este parágrafo. A maioria das pessoas da minha idade tem as mãos cheias a cuidar daqueles que delas dependem — refiro-me à parentalidade. Quem tem essas preocupações, ao fim do dia, já se dá por satisfeito por ter chegado ao fim, e estas divagações sobre a imortalidade do escaravelho parecer-lhe-ão absurdas e inúteis. A situação, porém, mudará radicalmente se conseguirmos realmente alcançar o desafio do ponto 2 e as pessoas passarem a viver por tempo ilimitado. Os filhos crescerão e partirão; é até possível que, devido aos recursos limitados do planeta, deixe de ser possível ter um número ilimitado de filhos, como acontece atualmente. Depois da fase inicial da vida, as pessoas só excecionalmente voltarão a ter filhos. Disporão de mais tempo para a introspeção e para observar o seu mundo interior.

Como esta parte do artigo é, muito provavelmente, demasiado pessoal, talvez convenha apresentar a perspetiva da minha situação. Tenho 42 anos, a esclerose múltipla prendeu-me a uma cadeira de rodas e é provável que a doença ainda não tenha dito a última palavra. Nestas circunstâncias, teria de ser um pouco louco para reunir a coragem de constituir família. O que procuro explicar é que a minha situação pessoal é bastante particular, e talvez por isso pense em coisas às quais a mente humana normalmente não chega.

São muito poucas as coisas de que uma pessoa tem uma certeza absoluta, de 100 %. Uma das que pertencem a essa lista privilegiada é a afirmação de René Descartes: «Penso, logo existo.» Se a lógica elementar é válida, daquilo que uma pessoa está a viver naquele momento — o facto de pensar — decorre necessariamente que tem de ser uma entidade real, visto que produz pensamento. A esmagadora maioria das outras coisas da vida está a léguas da certeza que cada um tem da sua própria existência. A perceção humana e a realidade podem estar tão afastadas como a experiência de alguém que só vê sombras na célebre caverna de Platão. Uma pessoa só pode conhecer do que a rodeia aquilo que os sentidos lhe transmitem. Se, por exemplo, houver uma falha na sua perceção — se for daltónica —, nunca compreenderá como as pessoas sem essa limitação veem o mundo. Em teoria, o mundo exterior pode nem sequer ser real: basta que assim pareça aos seus sentidos. Por outras palavras, uma pessoa não dispõe de nenhuma prova acerca do que a rodeia; nada à sua volta precisa de ser real, desde que os seus sentidos a enganem continuamente. Penso que o maior salto qualitativo na perceção que um ser humano talvez possa experimentar é adquirir uma certeza da mesma qualidade que a certeza da sua própria existência: a de que aquilo que lhe importa no mundo exterior é realmente tão real como ele próprio. Se conseguir alcançar essa certeza sobre o mundo exterior, sentar-me-ei simplesmente e chorarei de alívio durante três

dias. É profundamente assustador e desolador não termos certeza alguma da existência daquilo que mais nos importa.

No início deste desafio, escrevi que a falta de certeza sobre o que nos rodeia não é apenas a nossa maior maldição, mas também uma bênção. Uma bênção porque, se a ciência avançar nesta questão, talvez cheguemos a um ponto em que seja possível, por assim dizer, roubar identidades mentais. Um homem que possua mil milhões nunca poderá comer mil milhões de hambúrgueres e retirar daí o mesmo benefício que mil milhões de pessoas retiram, no seu conjunto, ao comerem um hambúrguer cada uma. Se for possível, por assim dizer, apropriar-se da mente de outra pessoa e alcançar desse modo a certeza de que ela é tão real como nós, talvez também seja possível experimentar cumulativamente os prazeres das pessoas de cujas mentes nos apropriámos. Por isso, um progresso científico destes poderá ser uma arma de dois gumes.

Conclusão

Descrevi três desafios aos quais decidi dedicar a minha energia, se tiver um pouco de força e vontade. Desde meados dos anos 90 que trabalho mentalmente no primeiro, em pano de fundo. Comecei a dar passos concretos para introduzir o Dinheiro Visível há cerca de um ano, ao criar um sítio na internet dedicado à ideia e ao desenvolver o software em que o sistema poderia funcionar. O segundo desafio depende do eventual sucesso do primeiro. Se conseguir afirmar financeiramente o primeiro, investirei a parte necessária dos recursos disponíveis no desenvolvimento de modelos informáticos do corpo humano.

O terceiro desafio é o único em que ainda não se vê luz ao fundo do túnel. Depende de um progresso científico que não é possível prever: pode estar ao virar da esquina ou a milhares de anos de distância. Mas uma pessoa do século XVIII provavelmente faria uma estimativa semelhante das capacidades dos telemóveis e da internet de hoje.

Como funciona o karma

Para compreender o funcionamento de certas coisas na vida, considero essencial perceber como funciona o karma. Não se trata de um velhinho sentado numa nuvem no céu, a apontar num caderno quem fez o quê, de bom ou de mau, a quem e quando, para depois, em determinadas ocasiões, castigar as pessoas de acordo com os seus atos passados.

Penso antes que, também neste mecanismo de bumerangue da vida, a nossa perceção na primeira pessoa tem uma influência muito maior. Somos nós próprios e a nossa consciência que sabemos muito bem quando fizemos algo de bom ou de mau a alguém. Se o nosso saldo for negativo, o subconsciente atrairá coisas más para a nossa vida, e vice-versa.

Se acontecer algo negativo na vida — por exemplo, uma interrupção da gravidez —, mesmo que, no momento da decisão, a pessoa julgue estar mentalmente em paz com as consequências, essa convicção poderá revelar-se errada a longo prazo, com consequências catastróficas. Independentemente de considerarmos a morte de um feto humano uma transgressão equivalente a matar uma pessoa viva, ou apenas o fim, sem consequências, da vida de uma espécie de matéria biológica informe que, se não o fizéssemos, nos destruiria a vida, poderemos mais tarde encontrar-nos em situações que alterem a nossa perspetiva. É até pouco provável que isso não aconteça. De uma determinada perspetiva, o aborto pode ser visto como um crime várias vezes pior do que matar outra pessoa. Pode, afinal, ser encarado como o assassínio do próprio filho. Para que fique claro o que procuro dizer: a simples possibilidade de o encarar como o assassínio do próprio filho basta para que isso destrua uma vida com certeza infalível. Ao longo da minha vida, conheci de perto quatro pessoas que fizeram algo semelhante. Três delas ficaram tão paralisadas pelas consequências que avaliavam mal situações muito simples e transformavam a vida dos que as rodeavam num inferno. É como se uma pessoa assim tivesse diante dos olhos uma barreira enorme que lhe impedisse uma visão objetiva do mundo. Tudo o que faz é, antes de mais, condicionado pelo facto de introduzir em qualquer situação elementos completamente despropositados, cuja finalidade principal é justificar, de alguma maneira, essa transgressão que cometeu contra a vida.

Para concluir, passar por algo como um aborto pode afetar a vida de forma profunda e negativa, ainda que, no momento, pareça uma boa escolha, pragmática, capaz de evitar o colapso do conforto em que se vive. Na esmagadora maioria dos casos, é um pacto com o diabo, pelo qual a pessoa abdica, por assim dizer, da sua consciência tranquila em troca de uma vida aparentemente confortável. Isto deveria ser explicado obrigatoriamente e em profundidade, sobretudo às jovens que ponderam fazê-lo. Uma medida eficaz para esclarecer o possível impacto de uma decisão destas poderia ser, por exemplo, passar obrigatoriamente algum tempo num serviço de neonatologia. Se, depois de uma explicação tão aprofundada das possíveis consequências e do contacto com a vida recém-nascida nesse serviço, a mulher persistisse na sua decisão, então as suas razões seriam, provavelmente, tão sérias que deveriam ser respeitadas.

Reflexão sobre a necessária finitude do universo

Esta reflexão está muito longe de ser uma demonstração rigorosa. Ainda assim, penso que, ao acompanhar o fio das suas ideias, surgem questões que vale a pena conhecer.

Albert Einstein disse um dia que o universo e a estupidez humana são infinitos, embora não tivesse a certeza quanto ao primeiro. Neste artigo, procurarei demonstrar que, no caso do universo, Einstein estava enganado.

Imaginemos que o universo é realmente infinito. Em qualquer um dos seus pontos, poderíamos então afirmar que, a um trilião de triliões de anos-luz de distância, existe um planeta Terra 2, e nele um Peter Boško 2. Se não existisse a um trilião de triliões de anos-luz, poderia existir um trilião de triliões de triliões de anos-luz mais adiante. Se o universo fosse infinito, as nossas possibilidades de prolongar a procura de Boško 2 seriam infinitas e, por isso, estariam condenadas ao êxito. A uma infinidade de êxitos. Ora, Peter Boško 2 seria tão avançado tecnologicamente que conseguiria enviar-me 500 EUR de tão longe para a palma da mão, se eu a estendesse agora. Percebe os absurdos a que chegamos? O Peter Boško 2 que descrevi não existe, porque não acabou de me cair nas mãos uma nota de 500 euros.

Para pôr as coisas em perspetiva, devo esclarecer que esta demonstração utiliza implicitamente dois pressupostos:

Considero infinito um universo no qual se repete incessantemente uma distribuição da matéria semelhante à que conhecemos na parte do universo visível que observamos. Essa distribuição tem de permanecer mais ou menos aleatória até ao infinito e permitir galáxias e sistemas estelares como os que conhecemos. Mas, se o universo só for semelhante à parte que observamos até certa distância, por muito grande que seja, e se para lá dessa fronteira houver, por exemplo, apenas espaço vazio, então considero esse universo finito.

O pressuposto de que, com um desenvolvimento tecnológico suficiente, será de algum modo fisicamente possível realizar uma intervenção material a uma distância enorme — por exemplo, teletransportar uma nota até mim a partir de qualquer distância. Se existir um primeiro Peter Boško 2 a 10^{100} anos-luz, mas ele não me conseguir enviar a nota por não possuir tecnologia suficientemente avançada, isso em nada afeta a minha demonstração: basta continuar a procurar outro que, além de existir, disponha da tecnologia necessária. A única condição de que preciso para a validade da minha demonstração é que uma tecnologia ultra-avançada torne fisicamente possível enviar uma nota a qualquer distância.

O universo não pode ser infinito, porque o elemento do infinito produz absurdos demonstráveis, como o envio de uma nota que, demonstravelmente, não acontece. Mas o envio da nota é apenas um exemplo manifestamente absurdo, destinado a ilustrar as consequências absurdas de um universo infinito. Na realidade, o que deveria acontecer seria muito mais vasto. No essencial, deveria acontecer tudo aquilo em que penso e em que não penso, não só comigo, mas em todo o universo. Se o universo fosse infinito, tudo o que pode acontecer teria de acontecer em toda a parte. E isso já é a definição do não-ser. E é este que, na verdade, é infinito.

O único aspeto do ser que, de certa maneira, possui o atributo da infinitude é o facto de eu ter consciência de mim próprio. Ou, se preferir, de os seres conscientes terem consciência de si próprios. Quanto aos outros, porém, só o sei indiretamente; quanto a mim, sei-o com 100 % de certeza, porque isso acontece diretamente dentro de mim.

Mas talvez fale disso noutra ocasião

Arquitetura do sistema Dinheiro Visível (DV) — o primeiro sistema bancário transparente protegido por blockchain 1

Há algum tempo, publiquei no meu blogue um artigo sobre como as inovações do mundo das criptomoedas poderiam provocar uma mudança profunda na forma como as pessoas se tratam umas às outras. Em poucas palavras, a ideia é que, se também o dinheiro e o património privados das pessoas fossem, em certa medida, transparentes, isso conduziria provavelmente, de forma gradual, à resolução da grande maioria dos problemas que decorrem da luta ancestral entre os seres humanos pelos recursos.

No artigo de hoje, gostaria de me debruçar sobre a arquitetura do sistema que estou a desenvolver aos poucos e que deverá satisfazer os requisitos de um sistema de liquidação transparente para toda a sociedade. Para começar, será necessária uma pequena incursão técnica pelo mundo das criptomoedas.

O algoritmo de hash como chave para provar que certas coisas são exatamente como ficaram registadas e, com um elevado grau de certeza, de nenhuma outra forma

No mundo da informática, e sobretudo no das criptomoedas, um conceito fundamental é o chamado algoritmo de hash. A sua versão mais utilizada, o SHA256, recebe como entrada um texto curto ou até um ficheiro com vários terabytes e gera, a partir dessa entrada, uma sequência de 64 caracteres com o seguinte aspeto:

O hash SHA256 do texto «Peter» tem, por exemplo, este valor:

ea72c79594296e45b8c2a296644d988581f58cfac6601d122ed0a8bd7c02e8bf

Já o hash SHA256 do texto «Peter1» tem este valor:

c2a455a6fba64a8aa2dabed5d193a6bd89813376c02ae40b86f56af6473d4323

Como se pode ver, os dois valores devolvidos pelo algoritmo são completamente diferentes e não dependem um do outro. A função de hash opera através do chamado efeito de avalanche. A alteração de um único bit na sequência de entrada provoca mudanças tão profundas no resultado que os resultados acabam por ser totalmente independentes, apesar de poderem ter sido gerados a partir de dados de entrada semelhantes. O SHA256 é uniforme em todo o mundo da informática: se alguém disser que calculou o SHA256 de determinada entrada, o resultado deverá ser o mesmo num sistema operativo ou numa linguagem de programação completamente diferentes, porque o procedimento seguido é igual em toda a parte.

O cálculo de um hash SHA256 tem ainda outra propriedade: se dermos a alguém um resultado — por exemplo, o valor ea72c79594296e45b8c2a296644d988581f58cfac6601d122ed0a8bd7c02e8bf — sem lhe dizer que é o hash de Peter, essa pessoa não tem maneira de o descobrir. A única hipótese seria partir do princípio de que o texto fornecido à função de hash não era demasiado longo e de que só continha, por exemplo, caracteres alfanuméricos, e começar a experimentar. Poderia começar pela letra «a», acrescentar-lhe depois um b — «ab» —, aplicar a função SHA256 a essas entradas e comparar o resultado com o valor que recebeu. E continuaria a fazê-lo até encontrar uma sequência de caracteres que produzisse o mesmo resultado. Por outras palavras, se calculássemos o hash de um texto como este:

{

“account_from”:”SK11 1100 0000 0000 2644 5963”,

“account_to”: ”SK15 1100 0000 0000 2677 5968”,

“amount”: 5000,

“currency”:”EUR”

}

(O exemplo é inteiramente fictício, incluindo os números de conta, que não existem)

O resultado seria 7b4f22193ad7675da45be8d5e22f042b36cdc78c397f92dd572786dca61b326b. Se essa pessoa quisesse, por exemplo, alterar o texto, mudando o montante de 5000 para 10000, poderia fazê-lo, mas teria enorme dificuldade em modificar o resto do corpo da transação de modo que este passasse a conter o montante pretendido de 10000 em vez de 5000 e, ao mesmo tempo, o hash de todo o texto permanecesse inalterado. Os dados com que alimentaria o algoritmo seriam simplesmente diferentes, e seriam necessários milhares de milhões de anos para encontrar uma alteração do corpo da transação que produzisse o mesmo hash original, mantendo o montante modificado como desejava.

Esta propriedade da função de hash permite o seguinte: se dermos a alguém um texto que essa pessoa possa obter em algum lugar — por exemplo, numa base de dados de transações — e lhe dissermos, ao mesmo tempo, qual era o hash desse texto no momento em que foi criado, ela poderá verificar muito rapidamente se o texto foi ou não alterado desde o cálculo do hash original. É precisamente essa verificação que é considerada uma prova de que os dados não mudaram desde o momento em que o seu hash foi calculado.

Blockchain — a função de hash com esteroides

O que abordarei sobre blockchain neste artigo representa cerca de 10 % do que este conceito realmente abrange. Para explicar a arquitetura do DV, será mais do que suficiente.

Relativamente pouco tempo depois do lançamento do Bitcoin, surgiu uma euforia em torno da blockchain. Criaram-se empresas que pretendiam especializar-se na sua aplicação a várias áreas da informática, e os consultores começaram a acrescentar às descrições dos seus cargos designações como Blockchain specialist, entre outras. No fim, fora do Bitcoin e das criptomoedas, a adoção da blockchain foi praticamente residual. Ouvi falar de algumas aplicações em que é importante conservar determinada informação para sempre — por exemplo, que um certo doente tomou um certo medicamento, e assim por diante.

Afinal, em que consiste a blockchain? As criptomoedas resolvem o problema do dinheiro de uma forma singular: a moeda não vive num único sistema centralizado, localizado algures, mas praticamente em qualquer lugar onde esteja a funcionar um servidor, mesmo pequeno, que suporte o seu funcionamento e esteja ligado à internet. No entanto, para que uma moeda funcione sem um servidor central, é necessário que cada um desses pequenos computadores tenha algo em comum, igual em todos eles, que seja atualizado a cada transação realizada em qualquer outro servidor. Ao mesmo tempo, é preciso resolver situações como alguém ordenar, simultaneamente, em dois servidores, o envio de um montante a partir da mesma conta ou carteira. Acresce a necessidade de remunerar, de alguma forma, os

operadores dos inúmeros pequenos servidores onde a criptomoeda vive, entre outras questões. A blockchain é precisamente esse elemento mais ou menos idêntico em todos os pequenos servidores e que contém as transações efetuadas na criptomoeda. A blockchain é composta por blocos. Daí o nome: blockchain, uma cadeia de blocos. Os blocos são constituídos pelas transações realizadas na criptomoeda. A intervalos regulares, são fechados e surgem novos blocos, à medida que se acrescentam transações. Fechar um bloco significa, entre outras coisas, calcular o hash de um texto como este, ou semelhante:

{

"previous_block_hash":"42ca08014a7e842f8205d3979eb14a95c52bf9ffb41c6752efe7bb08114ba47e",

"transaction1_hash":"fe6bc43fff796742bbee6adebec349a38323aed2de40d848aa9ed1428a451942",

"transaction2_hash":"0965577d9c0f4316cf83d1be017627e0d180cc616ec9107ac497df84a4158f93",

"transaction3_hash":"b5069c628dd914cc5f04035ced89781c0eb8efb27aed068b0921201598244565",

...

"transaction900_hash":"ffd7236ababd2e21858c548f5a3c5bae1794fde4c358ebfef6dcf4bcf0bb5a05"

}

O hash de todo o conteúdo deste bloco, que contém 900 transações, poderia ser, por exemplo, «341cbef34adc7235eee22efde368502f670254b97123fecfcb78ba892e7250b0». Esse valor seria depois utilizado no campo previous_block_hash ao criar o bloco seguinte. Os blocos ficariam assim ligados uns aos outros, formando uma cadeia imaginária. Todos os blocos, exceto o primeiro, têm um campo previous_block_hash com o hash do bloco anterior. No primeiro bloco da blockchain, coloca-se um valor como o texto «GenesisBlock», expressão que caracteriza a natureza do bloco zero. O valor escolhido é indiferente: influenciará, é certo, todos os valores seguintes, mas para os algoritmos isso não importa e, para uma pessoa, um hash é um hash como outro qualquer.

Como disse, não vou analisar a blockchain em profundidade neste artigo: por um lado, nem a mim são inteiramente claros alguns pormenores do funcionamento do Bitcoin, por exemplo; por outro, isso não é necessário para compreender o que pretendo descrever.

Nos sistemas centralizados, como os sistemas bancários, o dinheiro vive numa enorme base de dados, onde o banco mantém, por exemplo, uma lista de clientes. Existe depois uma tabela com as contas desses clientes, em que cada conta indica a quem pertence e quanto dinheiro contém. Há também, habitualmente, uma tabela de transações, que regista de que conta para que conta foi transferido o dinheiro, o montante, a moeda e outros dados.

Há algum tempo, creio que em Praha, realizou-se uma conferência em que figuras de topo do mundo bancário se reuniram para pensar se a blockchain teria alguma aplicação na banca. A conclusão foi

negativa: a blockchain é uma tecnologia muito específica que, embora à primeira vista possa resolver problemas semelhantes aos dos sistemas bancários, o faz de uma forma inteiramente diferente.

Não conseguiram encontrar um caso de utilização que exemplificasse como um banco poderia recorrer à blockchain.

Blockchain num sistema bancário? Só se for preciso conquistar a confiança do mundo inteiro

Os bancos, porém, mantêm com os seus clientes uma relação particular. Existe entre eles a confiança elementar de que, se um cliente depositar 100 EUR num dia e 200 no dia seguinte, no terceiro dia poderá levantar os seus 300 euros sem dificuldade. Se um banco falhasse numa operação tão simples com o dinheiro dos clientes, perderia rapidamente a reputação e os próprios clientes. Estes têm, por isso, a certeza de que o banco não alterará arbitrariamente os seus dados, para não pôr em causa a sua reputação.

A natureza da solução necessária muda, contudo, se imaginarmos que queremos construir um sistema bancário global com um nível de segurança que permita utilizá-lo, sem problemas, como sistema global de liquidação de toda a sociedade. Pela sua própria natureza, um sistema assim terá muitos inimigos, sobretudo se for transparente em alguma medida. A transparência do dinheiro privado é, como descobri, um conceito com muitos adversários. Mesmo que a adesão ao sistema fosse voluntária, se este tivesse êxito, chegaria um dia em que se tornaria um incómodo para as pessoas a quem a crescente transparência desagradasse. Para ser bem-sucedido, um sistema destes precisa de mecanismos que demonstrem que os seus dados são realmente como devem ser e que ninguém os alterou em benefício ou em prejuízo de alguém.

É precisamente aqui que a blockchain entra na questão e fornece ferramentas para tornar explicável cada valor existente no sistema. Por outras palavras, tudo o que de importante acontecer no sistema terá de entrar, de alguma forma, na blockchain. Cada novo bloco terá de ser imediatamente copiado para o sistema de uma entidade terceira. Ainda não fiz uma investigação detalhada, mas, em princípio, deverá ser um serviço como o Amazon Quantum Ledger, por exemplo. Ou seja, algo onde eu possa registar uma transação que entre na blockchain do operador desse sistema, sem ter qualquer possibilidade de interferir no histórico dos dados que já registei. A própria natureza do sistema torna isso tecnicamente impossível.

Todas as transações geradas no sistema serão guardadas em blocos que, logo após serem fechados, serão selados e enviados para o sistema de uma entidade terceira, cuja natureza técnica impede a alteração de tudo o que nele já foi registado. Assim, será possível chegar ao ponto em que alguém aponte para qualquer dado importante no meu sistema e diga: prove-me que este valor não foi manipulado, mas resultou de uma sequência de transações corretas, efetuadas pelos procedimentos normais de processamento, e não, por exemplo, de alguém ter acedido diretamente à base de dados e alterado à mão um saldo de 5000 para 10000. Eu poderei demonstrar que, de facto, não houve manipulação; ou, no pior dos casos, os dados não baterão certo, o que significará que alguém os alterou. No sistema Dinheiro Visível, cada linha de uma tabela importante estará ligada à transação e, por consequência, ao bloco que a modificou. Uma eventual verificação começará com alguém a indicar que dados pretende ver comprovados. Com um comando simples, obterei a lista das transações que, de alguma forma, alteraram

esses dados. Se aplicar o conteúdo de todas essas transações ao objeto de dados em causa, deverei obter esse objeto com exatamente as mesmas alterações que apresenta no momento.

Na próxima parte desta série sobre a arquitetura do DV, explicarei como é necessário dividir os dados do sistema de acordo com a sua natureza, como serão processados de formas diferentes, como entrarão na blockchain e como se realizarão as operações sobre os objetos de negócio correspondentes.